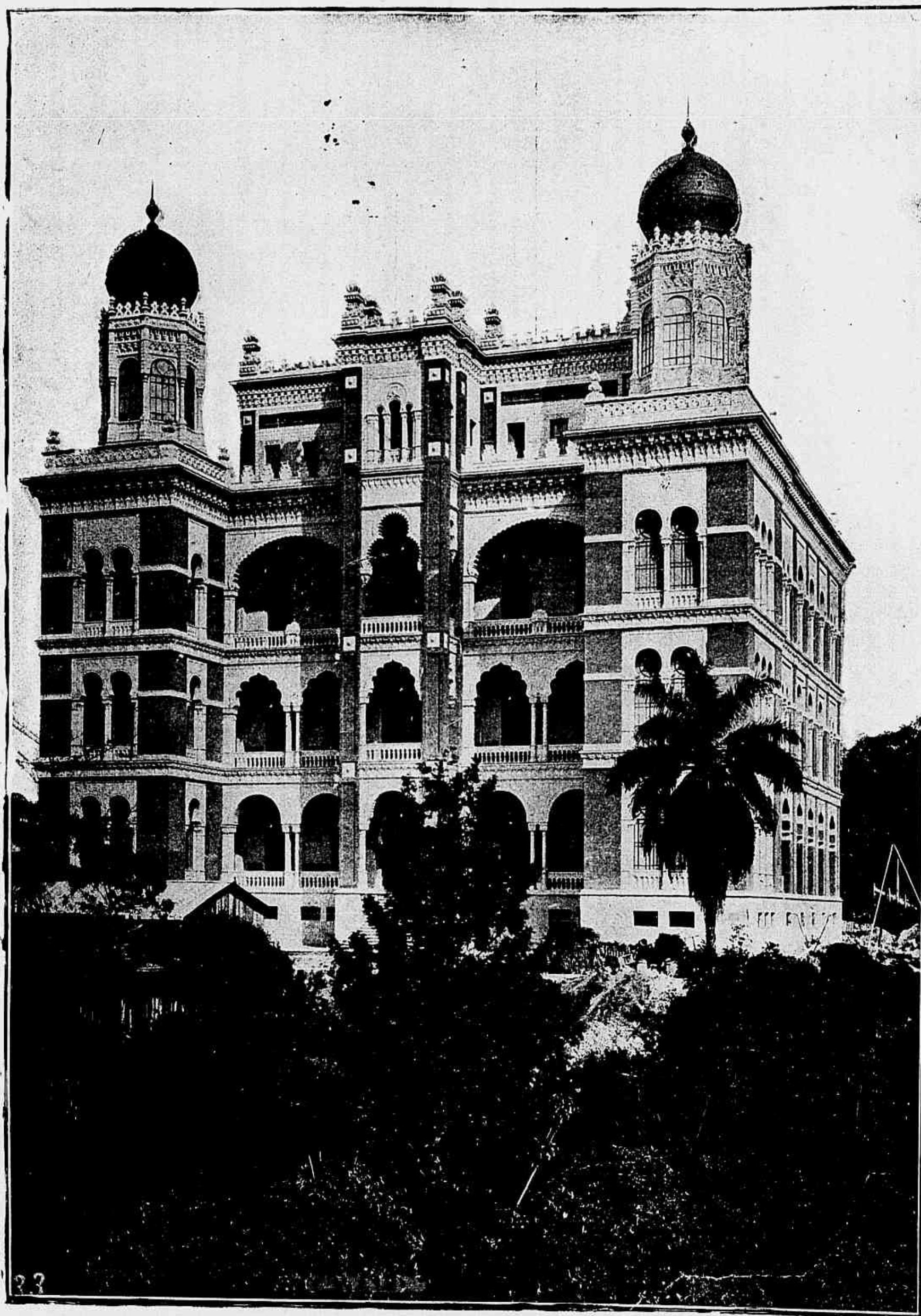
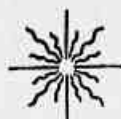
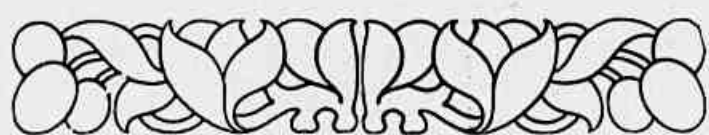
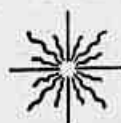
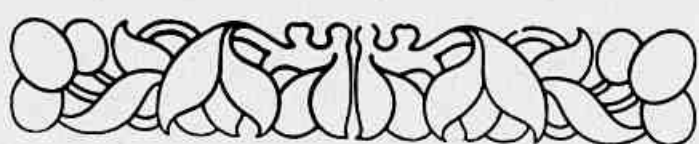
Mlle. Maria do Livramento Coutinho

Instituto de Oswaldo Cruz (Manguinhos)

FOLHETIM

JULES MARY

AMO-TE

SEGUNDA PARTE

Rudeberg recebeu-a a tremer. Não ousou abril-a, tal o receio de ler o seu conteúdo. Levou a viral-a e reviral-a entre as mãos como si não soubesse ler.

Rasgou afinal o enveloppe, lançou os olhos sobre o que ella continha e um grande suspiro agitou o seu peito.

A carta tinha sómente estas palavras, sem assignatura:

"E' inutil. Quero que amanhã já não sejas visto nesta terra."

Voltou ao seu forno. Procurou trabalhar ainda. Mas isso estava acima de suas forças. Seu olhar foi obscurecido pelas lagrimas.

Um sobre outro, taes descuidos commette elle em seu trabalho, que os companheiros que lhe ficam perto riam a bandeiras despregadas, sem que elle dê por isso.

O director anda por perto, dirige-lhe a palavra em tom amigavel, pois adivinha qualquer mysterio entre Rudeberg e o pessoal do castello, mas o operario nada responde.

Elle é obrigado a partir dalli sem vel-a! Ella o expulsa! No intimo della, nada mais dos amores de outr'ora, mas apenas o rancor pelos soffrimentos de seu coração!...

Oh! como ella mudou, a linda e morena Genoveva!

Ao seu espirito sobem, do vasto quadro dos menores acontecimentos do passado, os temores do abandono que ella havia manifestado tantas vezes, bem como as palavras que pintaram tão bem a sua alma adoravel, quando elle partiu para a caça: "Toma bem sentido! Tu bem sabes que neste mundo eu só conto comtigo e só tenho a ti."

Deixou a fabrica e passou a correr para Clermaret.

Os companheiros disseram, impacientados, por não saberem o que queriam dizer os seus modos mysteriosos e os olhares que lhe lançava o chefe Rovn, disseram:

— Oh! as coisas hoje não vão lá muito bem!

Em Clermaret, ao sahir do bosque, parou. Que faz elle parar alli? Não poderá ser considerado um ladrão, um malfeitor, ao ser visto a rondar por alli, com ar contrafeito, por entre as arvores, a fugir de quem quer que seja?

Não obstante, approxima-se, visto não encontrar ninguem pelo caminho, não abandonando, porém, as altas moitas da folhagem.

Na obscuridade, brilham as luzes das janellas do castello e, de tempos a tempos, sombras vagas gitam-se por traz das cortinas.

Estará Turgis no castello? Elle o acredita e seu coração enche-se de odio, pois o odeia, tanto mais quanto se sente inferior ao magistrado em tudo, mas o seu odio é por ver-se substituido por esse homem no coração de Genoveva, e elle se sente desesperado por não ter de quem queixar-se senão de si mesmo. E isso redobra a sua colera por não accusar outra causa que a sua inconstancia e a sua brutalidade.

Nessa luta, Montbriand só se encontra com o irreparavel, com esse passado que nenhuma força apagará mais, que nenhum poder riscará mais de sua vida.

Elle torceu, massacrou, moeu um coração de cuja posse estava tão seguro; destruiu a confiança que nelle se depositava; destruiu o amor que lhe era consagrado; perdeu todas essas riquezas, para que um outro viesse e as possuisse, fazendo-se digno dellas.

Eis porque elle odeia esse Turgis, que recolheu esse thesouro inestimavel de castas ternuras e de alta intelligencia.

Entretanto, contra esse homem, elle nada podia. Bem poderia elle querer amar, era tarde de mais.

Elle não ama sem ter ciumes e ante seus olhos desenrola-se o espectaculo dessa nova affeição de sua esposa, ás voltas com a paixão forte e sã de Turgis.

Não é mais para Montbriand, mas para outro que doravante se enternecerão os olhos de Genoveva, nas horas mysteriosas da noite, quando o mundo está esquecido e recúa para mais longe, deixando logar apenas aos que se amam sobre a terra.

E' para outro que se estenderão os braços della, languidos e carinhosos; no peito do outro, arquejando aos estos do coração que lhe dão mais força e mais desejo, Genoveva apoiará a cabeça e occultará sua fronte.

Com certeza, ella já nada mais teme da parte delle e não pensará mais em dizer, como outr'ora a Montbriand: "Não faças mais de mim uma Carlota d'Albret."

Seu suspiro dará sua vida, ao mesmo tempo que os labios murmuravam: "Eu te amo!" e ella será feliz, porque o orgulho de ter sido escolhida por Turgis lhe fará esquecer a vergonhosa promiscuidade de Montbriand.

E seu ciume não lamentará somente a Genoveva que o pae Trinque adornara de todas as qualidades que fizeram della uma mulher superior pela compostura, pela dignidade, pela razão e pelo coração; havia ainda mais, o intimo pezar do homem para o qual nada era desconhecido desse corpo vibrante, elegante ao mesmo tempo casto e apaixonado, que se abandonava com o enthusiasmo da mocidade e de quem elle tinha sentido sempre a alma collocada cada vez mais alto, mesmo em meio dos abandonos e do ardor dos beijos amorosos.

Tudo isso estaria amanhã á disposição do outro, sob cujas caricias estremecia de amor!...

E tudo isso seria feito na maior paz com a consciencia tranquilla, á face do mundo!

E da raiz dos cabellos até ás roseas unhas dos pés, essa mulher ficaria pertencendo a outro homem!

A lei protegia essa profanação!

E em casa delle como na della, o coração era tão poderoso, tão poderoso era o amor que verificava tudo, que Turgis sentia mais revolta, que Genoveva não teria nem mais vergonha, nem mais pezares á lembrança dos beijos antigos, cujos traços seriam certamente apagados com o vigor dos beijos novos!

— Não, isto não será possivel... não quero!...

E deixando os macissos, não procurando mais a sombra das arvores para protegel-o contra olhares estranhos, elle dirige-se para a casa, caminhando pelo centro da alléa.

Quando chegou á escada, não encontrou ninguem; olha com surpreza mesclada de terror a porta fechada pelo outro lado, da qual vae, vem, agita-se, sonha e recorda-se do passado, daquella que é ainda sua esposa.

E' tão modesta aquella porta! Clermaret nada tem da severidade de La Motle-Feully, nem oratorio, nem pontes levadiças, nem vestigios de fossos e de antigas muralhas. Mas sente tão aturdida a cabeça que nem sabe o que veio fazer.

Hesita. Aquella porta elle não tem o direito de transpol-a. Como será acolhido?

Elle toca a campainha. Passos pesados fazem estremecer os mosaicos que ladrilham o corredor. Um criado apparece, parecendo sorprehendido por ver alli um operario.

— Que é? Que quereis vós? disse elle,

deixando apenas entreaberta a meia porta.

— Desejo falar á senhora de Montbriand.

O criado poz-se a rir.

— Estaes louco? A esta hora? A senhora não recebe.

— Diz-lhe o meu nome. Chamo-me Rudeberg.

— Oh! não vale a pena... Passae por aqui amanhã...

— Mas, o que tenho a dizer á senhora de Montbriand é urgentissimo.. Amanhã, talvez, já não seja tempo.

— Ainda si eu soubesse do que se trata... Quereis que eu previna o senhor Trinque, o pae da senhora?

— Não, a elle nunca, a ella só... Para vós, é a mesma coisa. Vamos. Dizei-lhe o meu nome... esperarei a resposta.

— Seja, mas reparae que é só com pena de vós.

O corredor era illuminado por duas lanternas de ferro esmaltado. O rosto moreno, e queimado de Rudeberg sobresahia aos reflexos da luz; seus olhos supplicavam.

O criado o examinara com o olhar, percorrendo-lhe o corpo desde a cabeça aos pés. Certamente, o operario não tinha ar de malfeitor. Entretanto, antes de afastar-se e de subir ao salão onde Genoveva trabalhava perto de seu pae e de seus filhos, fechou a porta com prudencia.

— Nunca se está prevenido de mais! murmurou elle.

Penetrando no salão, dirigiu-se á Genoveva:

— Senhora, está em baixo um operario que insiste para falar-vos.

Genoveva levantou-se, deixando cahir do collo o trabalho que fazia, com o coração oppresso. Ficou certa logo do que se tratava, entretanto, perguntou:

— Enviado, sem duvida, pelo senhor Rosen, não é verdade?

— Elle não disse, senhora. Pediu-me apenas que dissesse o seu nome á senhora.

— Ah!

— Chama-se Rudeberg. Que devo dizer-lhe?

— Rudeberg, disse Henriquinho, é o meu amigo; é preciso recebel-o, mamãe...

A cega, com a cabeça erguida, ouvira tudo com a maior attenção, e o pae Trinque, que lia, tinha-se approximado de sua filha com certo interesse.

— Que fazer?

— Não o recebas. Sobretudo em tua casa, é impossivel. Si Turgis o soubesse, teria o direito de censurar-te e o que allegarias em tua defesa?... Suppõe que Montbriand deseja prejudicar-te ainda, poderia proveitar-se desta entrevista, depois de uma outra e de uma terceira, para fazer crer numa reconciliação, tornando assim a tua separação illusoria e teu divorcio impossivel.

— Não creio que elle tenha essas intenções. A verdade é que elle é um infeliz e soffre... Mas sou de tua opinião, meu pae, não devo recebel-o de modo algum.

Fez um signal ao criado, que se inclinou e sahiu.

Genoveva ficou de pé emquanto Trinque recomeçava a sua leitura interrompida.

A céga baixou a cabeça e Henriquesinho murmurou:

— Como é? Vaes mandal-o embora? Não o recebes, mamãe? Pobre homem, elle é tão bom para mim e tão meu amigo!...

Genoveva prestara attenção ao que se passara. A porta abriu-se em baixo. O criado transmittiu a Rudeberg a resposta de sua ama, parecendo a ella ouvir o criado dizer:

— Como vêdes, meu bom homem, eu tinha razão no que vos disse... Não é hora para apresentar-se em casa de pessoas de tratamento.

A porta fechou-se com surdo rumor, echoando pelo castello.

Ella o viu a pensar, parado ainda á entrada dessa casa inhospitaleira que debalde procurava transpor. Afigurava-se-lhe bem tudo que elle fazia. Descia a escada com a cabeça baixa, quasi aniquilado pelo que lhe tinha acontecido e pela vida solitaria a que tinha sido assim condemnado. Com passos tardos, voltou ao parque. Nunca mais ella o veria!! Atravessou o salão. Trinque a encarava por cima do livro, comprehendendo o que se passava no intimo da filha, a sua perturbação, talvez alguns vagos remorsos.

— Pensa antes no teu futuro, Genoveva, disse elle com brandura.

— Não posso... E' só o passado que me sóbe ao coração.

Approximou-se de uma janella e, timidamente, levantou o canto da cortina.

A lua, num céo muito puro e escampo, illuminava o jardim e os campos adormecidos.

Nenhuma neblina sobre os prados nem ás margens do Deule.

Nenhuma viração pelos ramos das arvores.

Genoveva viu Rudeberg que se afastava, com sua sombra gigantesca a mover-se pelo cascalho muito claro da aléa do jardim.

O cascalho era mesmo tão claro que, si as arvores não tivessem sido enfeitadas de pouco com suas folhas novas, dir-se-ia uma dessas noites frias e seccas de inverno na manhã das quaes se encontra neve por toda a folhagem, igual ao pó de assucar crystalisado, e a campina coberta de extensa camada de uma geada fina e muito branca.

Rudeberg parou, sem olhar para traz, deixando-se cahir num banco perto de um macisso de roseiras.

Curvado, encarando o solo, sentia-se sem força para seguir adiante, ou, talvez, antes de deixar aquella terra, de partir para sempre o liame fragil, como o de um fio tenuissimo, que o prendia á Genoveva, elle hesitava, recuava de seu proposito e demorava um pouco ainda.

E alli ficou longo tempo naquelle banco isolado, ao mesmo tempo que na janella do salão do castello, a senhora de Montbriand o observava, quando o jardineiro, indo deitar-se, por alli passa e dá com elle.

— Oh! um homem! Que esperaes ahi? perguntou.

— Estou fatigado... Descanço um pouco...

— Mas, escolhes-te máo logar. Vamos, tratae de sahir daqui.

— Mas, estou encommodando alguem ou fazendo mal a qualquer pessoa?

— Não, mas este não é o vosso logar. Vamos sahindo.

— Não podereis permittir que eu fique aqui mais um instante?

— Despachae-vos, homem! Já vos disse. Sahi sem detença e com maior pressa de que desejaes sem duvida.

E começou a sacudir Rudeberg pelo hombro. O operario não tratou de oppor-se. Todas as sortes de energia estavam amortecidas nelle.

— Será preciso, porventura, que vos prepare uma cama no castello para passardes a noite? Bem, não vos incommodeis... E' só pedirdes, e amanhã de manhã vos trarão a cama desejada... Eh! Eh! Eh!...

Rudeberg levantou-se docilmente e foi-se embora, muito lentamente sem duvida, pois o jardineiro o foi impellindo para a frente com fortes empurrões.

Genoveva estava observando o que se passava. A janella estava bem fechada e, como diziamos, nenhuma viração se notava fóra. Entretanto a cortina agitava-se. Era que Genoveva tinha as mãos tremulas devido a arrepios nervosos; mordia os labios... a sua testa estava sulcada por uma ruga.

Murmurou:

— E elle que consente em tudo aquillo, quando com uma palavra!... Aqui, só eu tenho o direito de expulsal-o.

Atravessou o salão, a correr.

Trinque apressou-se em dirigir-lhe esta pergunta:

— Onde vaes tu?

Ella levantou os hombros como resposta. Sabia lá onde ia? Sabia lá o que ia fazer?

Desce e encontra-se de repente no jardim, a alguns passos de Montbriand, antes mesmo de ter tido tempo de reflectir.

O jardineiro parece confuso:

— Senhora, é um vagabundo que encontrei alli sentado no banco, perto do macisso de roseiras, com uma semcerimonia como se Clermaret lhe pertencesse.

— Não maltrateis esse homem.

— Ah! senhora, com esta especie de gente não se deve ter contemplação...

— Deixae-o... eu o interrogarei... saberei o que elle deseja.

Continúa.

ANNO II — RIO DE JANEIRO, 1 DE JULHO DE 1915 — NUM. 28

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

EXPEDIENTE

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS

Anno . . . . . 10$000 — Semestre . . . . . 6$000

PAGAMENTO ADEANTADO

Numero avulso 400 reis; nos Estados 500 reis

Director-proprietario F. A. PEREIRA

Os originaes enviados á redacção não serão restituidos. As assignaturas começam em qualquer dia, mas terminam sempre em Junho e Dezembro. As importancias das assignaturas e toda a correspondencia devem ser dirigidas aos editores **Turnauer & Machado**

Redacção e administração — RUA 13 DE MAIO N. 43

TELEPHONE CENTRAL 1365

CHRONICA

CHEGOU a estação theatral. Vamos ter finalmente de novo as bellas noites de arte no Municipal.

As companhias estrangeiras estão a desembarcar, trazendo artistas de fama e valor.

Huguenet, o elegante actor francez que aqui esteve o anno passado volta novamente, apezar da guerra, com uma *troupe* de primeira e com um repertorio interessante em que como novidades nos offerece dramas e comedias que faziam a delicia dos nossos avoengos nos tempos *prehistoricos* do Alcazar...

Com essas peças antigas vêm entremeiadas, algumas do moderno theatro francez de Bataille, de Bourget, de Weber...

A estação musical parece que este anno vae ficar, para nossa gloria, exclusivamente nacional.

Os concertos de trios da Sra. Rudge Müller, e Bellarmina Borman, alcançaram um successo sem igual, pelo relacionado dos seus programmas e pela grandeza com que os interpretaram os illustres musicistas.

Os concertos symphonicos de Francisco Braga, vão de triumpho em triumpho e Chiaffiteli, Figueras, as irmãs Figueiredo vão conseguindo impor ao publico escolhido a sua arte cheia de belleza e novidades.

*
* *

A vinda de Caruso não passou de um *bluff*... O milhiardario cantor que só dá a honra de ouvir a sua voz áquelles que se predispoem a encher-lhe as algibeiras com algumas centenas de contos de réis, resolveu não vir ao Rio. Porque?... Ter-lhe-ia chegado a noticia do nosso desarranjo financeiro?

E' possivel.

Realmente pouco perdemos com isso pois estamos fartos de saber que as grandes companhias lyricas depois de sua passagem por Buenos Aires fragmentam-se e mandam-nos apenas um grupo incolor com uma figura de prôa.

E com a vinda de Caruso teriamos de pagar muito caro uma companhia de quinta ordem só para ouvir uma, duas ou tres vezes o grande artista.

Tranquellizemo-nos que desta feita o rouxinol vae deliciar outros povos mais felizes.

*
* *

O fechamento da Escola Normal foi de certo um dos mais pittorescos numeros da quinzena finda, pela maneira como foi feito.

Os versos ardentes de um poeta, lidos em voz alta por uma senhorita enthusiasta provocaram o tumulto. Estalou a gréve. A revolta teve todos os aspectos de um movimento suffragista. Só faltaram as bandeiras com o bellicoso lettreiro: *Vote for woman!*..

Tudo o mais houve e em abundancia: chiliques, policia, vaias, e até o classico enterro...

E depois o fechamento da Escola.

Com franqueza não vemos motivo para tanta celeuma.

Que mal poderia advir para a instrucção ou que immoderado acto de rebeldia contra a disciplina escolar da leitura dos deliciosos versos do nosso apreciado poeta Bilac?

Como, a nosso ver, o fechamento da Escola Normal não resolve o conflicto, por vir determinar certamente uma solução injusta, que prejudica todo o corpo de alumnas, para quem se voltam agora todas as sympathias, á vista dos sustos e vexames por que passaram, acreditamos que esse rigor desappareça de sobre as cabeças das gentis senhoritas a quem a interrupção dos estudos por um anno inteiro poderá talvez, para algumas, redundar em interrupção definitiva.

Os nossos votos são para que a paz entre de novo naquelle santuario de educação, onde se preparam as futuras preceptoras de nossos filhos.

*
* *

As novidades de arte para este inverno começam a se fazer annunciadas e são esperadas com anciedade. Já tivemos algumas. Em theatro: *A bella tarde*, de

Roberto Gomes, no Trianon; e vamos ter o *Moço bonito* de Paulo de Gardenia, no mesmo theatro; Carlos Maul que nos vae dar o seu sensacional poema *A tentação de Deus,* editado na Europa como todos os seus consagrados livros, acaba de traduzir um acto nervoso de Mirbeau: *A carteira* e está terminando dois actos: *O chá da senhora Mercêdes.* Essas peças do illustre patricio destinam-se a um dos theatros da Avenida.

Em pintura temos tambem novas agradaveis: A *Juventa* inaugurou-se com obras dos nossos mais talentosos artistas jovens, o Sr. A Petit abriu na Escolla de Belas Artes uma vasta exposição de seus quadros e Marques Junior acaba de, com a sua exposição de sanguineas, e branco-preto alcançar um merecido triumpho.

Podemos dizer que estamos em plena estação artistica, dentro do imperio absoluto da Belleza.

Se a guerra nos tem prejudicado materialmente, intellectualmente está-nos prestando um grande serviço, deixando que vejamos as nossas cousas de arte pura, que nada ficam a dever em grandeza ás cousas de outras terras.

A meu noivo J. H. L. F.

Na cella de vetusto convento, em tempos remotos, vivia um monge, celebre entre todos pela sua humildade e pureza, pela fé ardente e pelas mortificações e desprezo pelas cousas terrenas.

Um dia de muito labor, deitara-se elle fatigado e, depois de desfiar contricto e ajoelhado, seu rosario de contas negras, adormecera sorrindo e gosando um somno de justo, tendo este extraordinario sonho:—Sonhou que em vasto terreiro jaziam esparsas muitas pedras, de fórmas extravagantes, bizarras, incomprehensiveis, sem razão de ser apparente.

De subito, movidas por uma força invisivel, entraram a rolar ao acaso. Mas o acaso intelligente approximava-as e as pedras informes compunham ogivas, columnas, capiteis.

Um edificio tomava fórma e do chão sahia a harmonia complexa de uma cathedral gothica.

Este sonho tão imaginoso me fez recordar o que se passa em meu cerebro, onde um numero extraordinario de idéas se accumulam e se agrupam tomando fórma e eu vejo sahir dellas, não uma cathedral gothica nem um palacio encantado e sumptuoso, como talvez supponham, mas uma pequenina casa risonha e florida, em logar retirado, longe do tumultuar das ruas e do ruido abusivo dos pregoeiros, no meio de arvores viçosas em cujos galhos aves canoras venham saltitantes, entre perfumes e flores, entoar um hymno de alegria á nossa felicidade invejavel e perenne que deriva do amôr sincero que une os nossos corações.

Rio, Abril de 1815.

Aimée.

As gentis senhoritas Jeny (sentada) e Maria Florinda Paiva Cruz, dilectas filhas do general Viriato Cruz, constantes leitoras do "Jornal das Moças"

A ARTE DE SER ELEGANTE

CHEGOU a época do *corso* de carruagens na Avenida Beira-mar.

Uma vez por semana, ás quartas-feiras, pelas tardes azues e lindas como soem ser quasi todas as tardes do enternecente inverno carioca, o nosso mundo elegante gozará as delicias de um passeio a pé ou de carro, na curva e ensombrada avenida que contorna a mansa praia de Botafogo.

Das cousas que Figueiredo Pimentel lançou, o *corso* foi das mais felizes e das que mais diziam de perto com a nossa indole de povo sociavel, amante das reuniões ao ar livre, gozador das longas e interminaveis palestras sob a calma das arvores umbriferas.

* * *

As nossas elegantes devem acabar com certos habitos um tanto desgraciosos, principalmente quando passeiam.

Não é *chic* nem é commodo cruzar a Avenida em hora de movimento intenso arrastando a pompa de um vestido de baile. E isso é frequente entre nós, que confundimos vestido elegante com vestido caro.

No *corso* acontece muitas vezes cousa identica.

Ainda no anno passado, o desfile de carruagens tinha qualquer cousa de prestito carnavalesco.

N'um vehiculo amontoavam-se seis e sete pessoas, cujas vestes gritavam na sua polychromia estonteadora.

Não é elegante isso. Em cada carruagem não devem viajar mais de duas pessoas.

Não sendo assim, o *corso* tomará ares processionaes, ares de casamento e de enterro ...

* * *

Tanto os que passeiam a pé como os que vão de carro ou automovel, devem preferir as roupas de lã mas de cores suaves, não sombrias demasiadamente nem tampouco berrantes.

Estão agora em moda para passeios desse genero o costume *tailleur,* dos varios typos ultimamente lançados com successo.

Lançado ha alguns annos, quando ainda em nosso meio ronceiro escandalisavam as manifestações de alta elegancia artistica, o *corso* foi desde logo victorioso, e hoje é um dos encantos do inverno carioca.

Yvonne.

IDYLLIOS

I

Queres parar aqui, paremos. Não sigo senão ao teu mando. O caminho é longo, mas muito mais longo é o nosso amor.

Arvores copadas farfalham á luz esbrazeante do sol. Tambem em nosso peito as fibras do coração se agitam ao calor vivificante do nosso affecto.

Esta sombra é amena, beijo fresco que nos envia a folhagem, toda salpicada de flores. Paremos aqui, si quizeres.

Seguir ou ficar, desde que seja comtigo, é sempre o mesmo. Para mim só tu existes. O sol, a teu lado, é sombra. Sombra, sem ti, é o eterno e mortificante esbrazeamento da angustia.

Cantam os passaros, não ouves? E' a symphonia da matta, scherzo sonoro da natureza embevecida á luz do sol, ante os arroubamentos de nosso enlevo.

Quando venho comtigo, esse gorgeio de aves parece um brando baloiço da alma enlevada pelos sonhos felizes de nossa vida. Sem ti como seria monotona esta perenne canção do passaredo! O amor reveste tudo de fulgurosos brilhos sideraes.

Não vês aquellas duas borboletas brancas, tão pequenas como dois pequeninos lyrios nevados, adejando em torno das flores do cardeiro bravo? São talvez duas almas de pitalgadas boninas, mortas ao amarellecer das primeiras folhas pelo calor causticante do sol estival. Sonhos alados volitam por sobre a floresta, no mysticismo mudo de suas scismas secretas.

Si nós fossemos borboletas, cara amiguinha, só sugariamos a flor de nosso affecto á sombra de nossos sonhos, ante a suprema irradiação de nossa ventura.

Porque não te sentas e ficas ahi de pé, scismando e como que absorvida pelo extase delicioso que se desprende da rumurosa floresta e vem casar-se ao deliquio amoroso de nossas almas?

Queres seguir, sigamos. Para mim não ha cançaço, desde que prosiga ao teu lado. A fonte de minha vida és tu sómente.

O nosso amor, pela sua fortaleza, enrija-nos o organismo e impelle-nos para diante. O abatimento só virá, quando vier a morte. Para que caminhe eu sempre, é só seguires á frente, vendo de tempos a tempos a luz desses teus olhares. Verei tua alma em teus olhos toda embebida de amor.

Como é invejavel esta nossa vida, passada assim no segredo dos bosques, longe da malicia perversa do mundo, ao doce aconchego de nossas mutuas caricias!

Vae declinando o sol. Ante este vivo esplendor da folhagem com a tonalidade espelhante de suas mil nuances, do verde de nossas mattas, embalado pelo aroma exquisito das flores agrestes, ouvindo ao longe a sonora orchestração do passaredo festivo, o nosso amor recolhe-se em nosso seio e scisma largo tempo nesse alvorecer de nossas almas irmãs, presas ao eterno enlace de nossas vidas.

Não te parece, doce amada, que todo o enlevo de nossa ventura está concentrado neste suavissimo esmoirecer da tarde com toda a sua branda nostalgia do viver dos anjos?

Si nós podessemos, como os genios alados, pairar sempre por sobre o docel florido desta folhagem tão verde e tão virgem! Misturar o nosso amor e as intimas caricias que se desprendem do amavio encantado deste idyllio ao concerto dos mil rumores confusos que sobem de seu seio para a suavidade embaladora deste sereno cahir de tarde!

Como seria divino si nós podessemos esconder no intrincado recesso desta ramaria tão viva o eterno idyllio de nossas almas, para que mais ninguem podesse perturbar o nosso sonho feliz!

Mas tens medo, meu amor!

Pensativa e tremula, vê-se em teus olhos que mil apprehensões, frivolas de certo, andam pairando pelo espaço indeciso de tua imaginação como bandos de aves que se perdem atravez de rude nevoeiro e, attonitos, voassem sem rumo, perdidas no seio denso da bruma.

Para que scismas? Sigamos, doce amada! Quando o luar descer, encontrar-nos-á ainda em caminho, tendo por sobre as frontes a fulguração das espheras constelladas e intimamente a suprema irradiação de nosso amor, percebida atravez dos vivos clarões de teu olhar.

Ribar.

Mlle. Clarisse Mattoso
residente na cidade de Amparo — S. Paulo

— Mamã, porque é que os anjos são sempre meninos e nunca meninas?

— Para evitar os escandalos no Paraizo.

Madrigal

Dei-te o meu braço esquerdo no passeio
Não porque ignore as graves etiquetas
Ou simule o desleixo de um poeta
Sempre abysmado em profundo anceio;
Mas por que deste lado do meu seio
Onde poisaste a pequenina mão
Tu sentisse melhor meu coração.

Duarte de Almeida.

— Tenho tanto medo dos ladrões que não sei o que faria caso um delles entrasse no meu quarto de dormir.

— Pois eu não tenho medo nenhum. Se eu visse um larapio entrar no meu quarto de dormir, nem me acordava.

A Covardia. — De Sylvio Julio, que apezar de muito joven já é dado a estudos profundos, recebemos um exemplar da *Covardia*, conferencia realizada ha tempos no Collegio Militar diante de um escolhido auditorio.

Sylvio Julio alcançou com esse trabalho um merecido successo e recebeu de escriptores como Salvador Rueda, Blasco Ibanêz, Hermes Fontes, Carlos Maul, Alcides Maya Azevedo Diaz, cartas encomiasticas de subido valor. Sylvio Julio publicará em breve um novo trabalho intitulado *Currente calamo*, de que hoje prazeirosamente publicamos um lindo soneto.

LA VIE DANS LE CHAMPS

(COLLABORAÇÃO)

Comme est belle la vie dans les champs!

C'est là, que notre âme goute des puretés existentes dans cette prairie d'aspirations, c'est là que le ciel parait plus beau, e que le chant des oiseaux parait plus sonore encore et plus caressant!

C'est là, que la nature a placé le souffle caressant d'um vent léger et doux; principalement au tomber du soir, et aussi, au matin, c'est agrèable promener dans le champs, en respirant cet air pure et en recevant les rayons du soleil brillant.

La vie dans le champs est très belle, parce qu'elle est harmonieuse et paisible.

Combien des richesses existent dans la vie des champs!

Maria Apparecida.

Paginas do coração

Foi em meio da deslumbrante magestade da manhã, á beira de um regato de aguas sonoras e claras, que esse lyrio desabrochára as suas petelas eburneas, brancas, de um branco immaculo de leite.

Rorejadas pelo rocio providencial da noite, as folhas dos arbustos, ao receberem os primeiros raios do sol, que nascia, tinham scintillações estranhas!

Aqui, alli, acolá, nos galhos das arvores, era uma interminavel escala chromatica de gorgeios e um ruflar alacre de azas felizes e irriquietas.

E o lyrio — pet'las abertas para a grande luz, para o astro que fecunda e revigoresce, parecia comprehender a poesia magica da hora, e vibrava na linguagem do seu perfume, uma estrophe de amor, um psalmo de gratidão, uma ode heroica de applauso!

Mas, á medida que as horas do dia se avançavam, o calor augmentava de intensidade.

E, quando nuvens de oiro, recamavam a tela do céo no momento do ocaso, a pobre flor emmurchecida, pendia para a terra o seu calice em um estado comatoso de agonia!

Um sopro mais forte da viração vespertina atirou as petalas do lyrio sobre o dorso do regato que as arrebatou na corrente de suas aguas para nunca mais voltarem!

***

Querida. Se um dia a fatalidade me afastasse de ti; se não mais me fôra dado revêr as minhas pupillas nas tuas pupillas brilhantes — sol que me illumina o espirito e ao meu coração revigoresce — os meus dias de alegria, como as petalas arrebatadas desse lyrio, iriam, espaços além, para não voltarem jamais!

Rosaes Sadi.

TRES ARTISTAS

... E triumphava no espaço, num gesto a pedir horizontes, a voluptuosa gravidade da Arte, Imperatriz!

Mozart, Brahms, Mendelsohn, Pergolese... iam surgindo, em apparições apotheticas: e esses Mestres do Soffrimento-Harmonia, esses Semi-Deuses das Ancias humanas, desvairados entre a realidade insolita e o Idéal pulchro pareciam, elevar-se num pedestal, mais, cada vez mais, a cada nota que conquistava os sentidos...

Rendida áquella soberania gratamente absoluta, edenicamente absoluta — a sala toda parecia super-humanisada num grande delirio desconhecido, fazendo esvair consciencia, personalidade... em tróca de visões infinitas, allumiadas, minunciosas, farfalhantes...

E depois, quando um pouco de consciencia nos ia voltando, lembravamo-nos que era alli a obra genial dos seculos, sempre nova, resuscitada e nascida, ao mesmo tempo, sob os dedos ageis das esculpidas espiritualidades que tinham faiscações symphonicas de Victoria, respondendo aos applausos transbordantes....

Oh! era o Rio moderno, a elite, o verdadeiro Rio, filho amado das nossas esperanças: era o Rio dos Concertos verdadeiros, das genuinas operas e das genuinas symphonias que nós, em nossos sonhos de atroadora miragem, phantasiamos, tanto e tanto, tal qual as Princezas do Danubio, do Sena e do Rheno...

E tivemos a impressão augusta, nós o juramos, de que não em estirada trilha do tempo consagrador, a Guanabara suprema será mais Bella com a superviḋencia que teremos nós, embalados no esplendor das audições legitimas que se hão de distinguir ahi, pela Sebastianopolis.

Num movimento de satisfação descommedida, antegosando esta delicia que será a irmã dos nossos crepusculos tropicaes, nós dobrámos nosso olhar e nossos sentidos vibrantes, desconhecido de si mesmos... ante a grandeza das Heroinas, admiravel silhueta de Moças-Walkyrias que combatem, o combate superior da Harmonia, mais perfeita, de Euterpe, vencendo em móldes novos...

E Suzana e Helena de Figueiredo e Celina Roxo esplendem num grande halo triumphal, cantante, na protophonia grandiosa de novas conquistas!...

Adelino Magalhães.

OS IRMÃOSINHOS ACILIO E ALICE, FILHOS DO PROVECTO MAESTRO HENRIQUE ESCUDERO

OS OLHOS

Pensamentos de um contemplativo

Os olhos grandes denunciam doçura ou melancolia.
Os pequeninos vivacidade e tambem colera.
Os rasgados indicam ternura.
Os redondos, em fórma demasiadamente circular, denotam estupidez e incuria.
Os olhos azues denotam caracter afeminado.
Os pardos denotam bondade.
Os verdes malicia e vivesa.
O olhar penetrante, vista *d'aguia*, denota vivacidade
Um olhar de fogo denota concentração e genio.

O sorriso é o desabrochar suave de uma flôr, provocado por um raio de sol.

O ciume é um pequeno ouriço de espinhos de ouro que se aninha no coração.

A amisade é uma fina trama que pretende impedir o coração de se atirar na rêde do amor.

INSTRUIR DELEITANDO

OS GANSOS DO CAPITOLIO

Os gaulezes tendo tomado Roma, sitiaram o Capitolio, onde estavam refugiados o Senado, os Magistrados, os Sacerdotes e mil dos mais bravos da mocidade patricia.

Varias tentativas fizeram para se apoderarem da cidadella, porque o Capitolio era uma verdadeira cidadella. Essas tentativas foram sempre infructiferas.

Transformaram, então, o cerco em bloqueio, e havia já sete mezes que assim permaneciam sem uma solução favoravel ou prejudicial.

Resolveram os gaulezes, num rasgo de ousadia, dar um assalto audacioso á cidadella. Em uma noite escura escalaram as muralhas.

Chegavam já os assaltantes ás ameias, quando os gritos dos gansos consagrados a Juno despertaram um patricio afamado pela sua coragem, Manlio, que derrubou do alto do muro os mais adiantados dos gaulezes.

A guarnição da fortaleza despertada cobriu logo toda a cidadella e os gaulezes viram de todo mallograda a sua tentativa.

O Capitolio estava salvo, graças a Manlio, ou antes, aos gansos sagrados.

A expressão, pois, — "Os gansos do Capitolio" — significa uma sentinella imprevista que nos dá o alarma salvador.

OS GROUS DE IBYCO

E' esta uma outra expressão, quasi synonyma, no seu sentido figurado, á que acabo de explicar.

Ibyco era um dos mais distinctos poetas lyricos gregos.

Em uma estrada deserta fôra assaltado e assassinado por ladrões.

Antes, porém, de ser morto, olhou para todos os lados para vêr se havia alguem que o pudesse soccorrer... Viu apenas passar por sobre a sua cabeça um bando de grous. Disse então se dirigindo a elles: "O' grous, sêde um dia testemunhas contra os meus matadores."

Tempos depois, os ladrões assistiam, em Corintho aos jogos publicos.

Passa, voando alto um bando de grous. Um dos assassinos de Ibyco, diz aos companheiros: — "Olhem as testemunhas de Ibyco."

Isto dito, despertou suspeitas de um guarda que se achava junto delles. Foram presos, e com certa habilidade da justiça confessaram o seu crime.

Significa portanto a phrase supra uma testemunha imprevista que vem pôr nas mãos da justiça a descoberta de um crime.

Mlle. MIMI.

Commissão organisadora do concerto em beneficio da Caixa Beneficente da Liga Maritima Brazileira e amadores que tomaram parte no mesmo concerto realizado, no dia 11 d e junho, no salão da Associação dos Empregados do Commercio, vendo-se sentadas as professoras Mme. de Saint Brisson e Mlle. Fanny Guimarães

O DISTINCTO *virtuose* MANOEL FERNANDES FILHO, RESIDENTE NA CIDADE DE SANTOS, ONDE MAIS DE UMA VEZ TEM SE FEITO OUVIR EM REUNIÕES DA ÉLITE SOCIAL SANTISTA.

MERICIA

Esse riso... Essa bocca... Esse rosto brejeiro...
Si dentro levas a alma, assim, constantemente
Rindo!... Fico a scismar, olhando-te, fremente.
Na ironia do Luar que ri do Mundo inteiro...

Julgo-te sempre, assim... Um beijo passageiro...
Um nome que se esfuma, e se quer, e se sente...
Mas te sinto e te quero, assim... Funebremente,
Dentro em mim reza um monge um ritual lastimeiro...

Tu me tentas! Talvez, como viscosa aranha,
Ainda me has de acabar, num crepúsculo tôrvo,
Cheio de gôso atroz, de morbideza estranha...

E é sempre essa visão dos teus contornos langues!...
Tu me estás a tentar!... Pareces mesmo um côrvo
Estonteado, em redor de Carnes e de Sangues...

SYLVIO JULIO.

O suspiro é o mensageiro puro e innocente das commoções da alma.

MAQUILLAGEM E A BELLEZA FEMININA

Procuremos resolver este problema: quando é realmente velha uma mulher? Para uns, uma mulher é joven sempre que inspire amor; para outros, a mulher não é velha emquanto conserva belleza.

Effectivamente, diz Claudina Regnier, ser velha é ver-se privada de encantos, deixar de ser requestada.

A mulher tem a idade que parece ter...

Si uma mulher conserva até aos cem annos todos os attractivos de sua formosura e toda a radiosa sympathia de sua mocidade, como Carolina Otero, será mais seductora do que uma de vinte, que houver perdido esses encantos.

Para todas as mulheres, ser velha é ter mais idade do que as outras.

As senhoritas de dezoito primaveras consideram velhas as de vinte e cinco; estas consideram velhas as de trinta e assim por diante.

Não é muito raro ouvir-se uma matrona já arranhada pelos quarenta e cinco, murmurar: — Quando eu tiver a idade de fulana (uma de cincoenta), não tratarei mais de toilettes, nem de me apresentar em reuniões.

Chegando, porém, aos cincoenta, acham que só aos sessenta podem considerar-se velhas, e caem nas dansas para fingir vigor e ver si encontram ainda quem as requestre.

Com as mulheres dá-se o que se dá com a belleza. Cada uma fórma um conceito distincto da formosura, baseada na propria, sem que ninguem a convença de que póde estar equivocada.

A maquillagem, que é a sciencia do toucador, a arte de tornar mais frescas e mais agradaveis á vista as que não o são, senão pela metade, serve para restaurar a juventude, que é o essencial para a mulher.

Todo o segredo da eterna mocidade da celebre Ninon de Lenclós esteve sempre encerrado num producto de perfumaria.

Si as grandes actrizes de nomeada universal conservam por longos annos a integridade de sua belleza e a frescura de sua carne, é isso devido aos cuidados que a si mesmas prodigalisam dia e noite.

Quando os annos vão surgindo com suas rugas e suas papadas, senão se lançar mão da maquillagem ou de outros processos semilhantes, adeus, flôr da belleza e da juventude!

Na maquillagem, a dama começa por estender pelo rosto bem lavado uma ligeira camada de créme que branqueia e suavisa a cutis. Depois, com uma borla, colorem-se as maçãs do rosto e as palpebras de uma cor de rosa pallida que empresta ao rosto as apparencias de boneca.

Em seguida, com uma pasta de carmim, dá-se frescor e coloração aos labios, procurando não interessar as commissuras, porque isso contribuirá para augmentar a bocca.

Com um pincel muito delgado enegrecem-se as sobrancelhas, procurando alargal-as convenientemente e bem assim as pestanas.

Com o mesmo pincel, passa-se por baixo destas, na parte inferior dos olhos e superior das pestanas, tendo-se o cuidado de insistir no cantinho dos olhos para que estes se distendam e pareçam rasgados e cheios de terna melancholia.

Além disso, com tinta azul ou violeta traçam-se umas olheiras suaves, discretas, de modo a não dar na vista.

Terminada esta tarefa diaria, que uma mulher, que não seja uma preguiça, fará em um quarto de hora, só resta pintar, para as que gostam, o chic *signalsinho* no rosto.

Feito isto, é só enriçar o cabello e pol-o de accordo com a moda ou do melhor modo que vá com a dona e confiar no poder da maquillagem, que certamente tira de sobre o corpo de uma mulher uns dez annos de menos.

Está claro, que este processo de aformoseamento e de rejuvenescimento só póde ser empregado por mulher cujo rosto não seja um aleijão ou uma mumia, porque em tal caso, o trabalho determinarará o maior escandalo deste mundo.

Amazil Corimbaba
illustre collaboradora do *Jornal das Moças*, dedicada amadora das bellas artes e distincta alumna do professor Edegar Parreiras

A VIDA

Como os primeiros vapores do alcool que nos toldam o cerebro, conduzindo-nos ao paiz dos sonhos e da poesia, assim é a vida quando na mocidade inexperiente e formosa vemol-a desabrochar cheia de pseudos encantos e vãs esperanças.

Ricas de vigor e confiantes no futuro que ante nossas vistas, surge amplo e bello,, preparamo-nos com vontade para a luta que nos dará a desgraça ou a ventura. Pela senda espinhosa enflorida da vida caminhamos a passos gigantescos. O triste mortal que trilha a vereda espinhosa cumprindo a sua miseravel sina, soffre no caminho todos os tormentos do inferno e vae morrer só, o desgraçado; mas o que feliz segue a senda florida da existencia, gozando o ambiente perfumado da ventura vae igualmente morrer e o seu corpo cobrindo-se de terra serve de pasto aos vermes.Para um fim tão triste, por que ostentamos tanta vaidade?

Ainda os homens têm a livre vontade, a liberdade, podendo gozar um pouco a rapida existencia.

E as mulheres? Ah! Não! Porque vivem sob o dominio tyrannico dos homens que no seu incomparavel egoismo as opprimem, não lhes dando senão a liberdade do pensamento, mesmo porque este é livre e invisivel.

Deixem-nos gozar um pouco a existencia, sentir as volupias da mocidade; sejam menos ambiciosos e mais complacentes!

Na verdade somos fracas, mas a nossa fragilidade tem ultrapassado os limites, pois que nos deixamos totalmente dominar. Mas... ás suas absurdas vontades devemos levantar a fronte altivamente e fazer valer os nossos direitos e não abaixarmos a cabeça e... obedecer!

Já que imitamos tanto, porque não tomamos por modelo neste ponto, a grande nação Norte Americana?

Talvez que para o futuro façamos progressos...

Nem por isso vou enclausular-me, procurando esquecer o mundo, andando solitaria atravez dos longos e sombrios corredores dum convento; pois eu quero, antes do meu cadaver baixar ao tumulo e minh'alma partir para as regiões do Desconhecido, deleitar-me nos prazeres mundanos, sentir todas as alegrias que a nossa precaria existencia pode proporcionar-nos para depois, então, dormir o somno eterno. E assim vou caminhando para o fim da vida tendo por divisa:

Deus e Liberdade!

Amazil Corimbaba.

CARTAS DE AMOR

Querida Celina:

Escuzado será contar-te a doce saudade com que relembro aquella hora breve que hontem passámos juntos. No sideral scenario da minha imaginação ainda vejo brilhando como astros de primeira grandeza, os angelicos sorrisos que afloravam aos teus labios de romã... e a minha esperança ainda se está aquecendo ao sol bondoso e acariciador que nasce a flux dos teus olhos divinaes...

Como é triste a despedida! Como de repente se troca um meio-dia de ridente primavera por uma meia-noite caliginoza de arcticas escuridões!...

Emquanto estivemos juntos um paraizo se desenrolava aos meus olhos deslumbrados.

O teu affecto estava a meu lado para fazer-me forte.

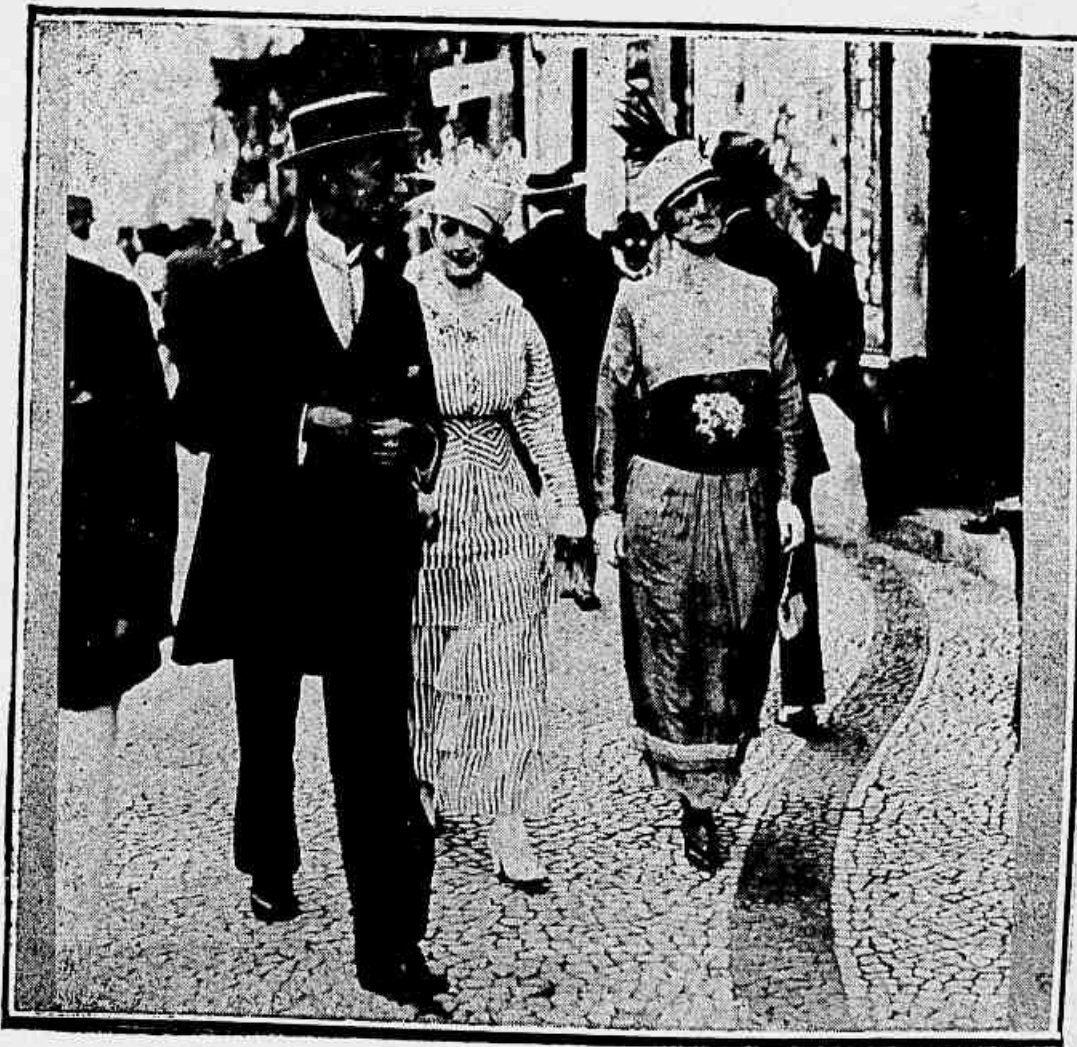
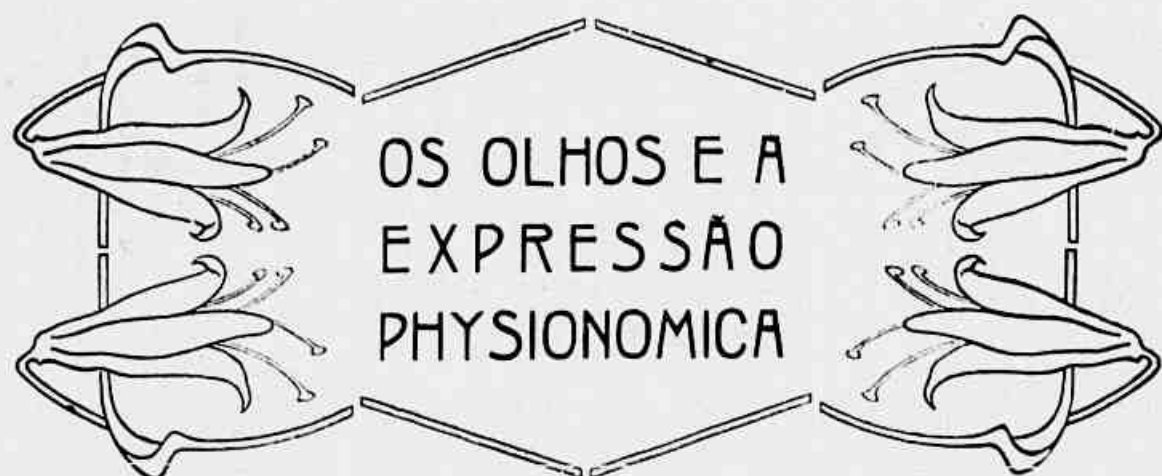
O teu olhar allumiava-me as curvas d'um futuro roseo estendido por horizontes claros e limpidos. Pelos céos azulados da minha phantazia voavam pombinhas mansas transportando nas suas asas brancas as pompas festivas das minhas alegrias. E a minha aspiração lá nos levava de braço dado por esse futuro além, ao despertar da manhã, por entre rosas, lyrios e cantos de cotovia, para o sumptuoso palacio da nossa felicidade que ficava no cimo d'uma colina quasi no céo...

A ausencia! Que ausencia dolorosa! Que saudade do dia que passámos juntos ao sol dourado do nosso affecto, na comprehensão intuitiva dos nossos corações, sob os olhares indiscretos das flores, que estavam aprendendo a amar no livro dos nossos olhos! Quanta saudade! Quantas recordações suaves das juras solemnes com que sellámos o nosso amor!...

Adeus, querida Celina!

Não te esqueças de quem por ti vive suspirando na noite triste da ausencia, a espera da luz do dia dos teus olhos brilhantes e seductores.

NELSON.

Instantaneo na Avenida

Aos olhos são attribuidas qualidades que ou realmente não possuem ou que são muito exageradas.

Quando se fala da expressão das physionomias, attribue-se todo o seu poder aos olhos que nos parecem ser o claro indicio da sorpresa, do medo, da alegria, da dôr, da colera e da desconfiança.

A expressão physionomica é o resultado do movimento dos musculos do rosto, ou ainda, os olhos obedecem ao impulso geral e collaboram, por assim dizer, na expressão, sem que sejam, porém, o seu principal factor.

De dadas pessoas, se diz que têm os olhos captivos, olhos de quem tem a alma serena e coração alegre. Mas, na realidade, si se diz que um rosto é capaz de traduzir uma profunda expressão de qualquer sentimento, si nelle se collocassem dois olhos de vidro, o effeito seria o mesmo.

O erro de attribuir completamente aos olhos a expressão da physionomia é quasi geral e antigo, tanto que se lê ainda que os olhos de Cezar Borgia luziam como o fogo; que os olhos do Czar Nicoláo I eram tão frios e penetrantes, que quando fixavam um accusado, si este era verdadeiramente culpado, ficava sem poder resistir ao olhar do imperador e confessava o delicto praticado.

Mas para provar a escassa parte que os olhos têm na expressão physionomica, basta recordar que si se penetra numa galeria de personagens que exerceram grande predominio no mundo, já por sua bondade, já por sua ferocidade e que, por conseguinte deveriam ter e têm effectivamente do artista expressões diversas, como as de Nero, a de Dante, de Socratis e Napoleão, vemos olhos representados por uma orbita vasia em que se encontra um circulo com um pequeno ponto.

O Sr. José Alcaraz e sua distincta esposa D. Dolores Alcaraz, residentes nesta capital e apreciadores do "Jornal das Moças".

Todavia, a expressão é perfeita porque o artista ha conseguindo obtel-as sómente com a ordem a que obedecem os musculos do rosto.

Mas haviamos dito, póde acontecer que os olhos sejam chamados a collaborar. Vejamos como. Quando, por exemplo, a physionomia revela lassidão, um soffrimento, os olhos correm a dar esta expressão, porque se tornam luzidios, visto reduzir-se nelles a abundancia do sangue normal, e as palpebras tendem a baixar-se, visto como os musculos do rosto não são mais tensos como em estado normal.

Os olhos doentes, que acompanham a expressão de uma grande piedade, são levados a isso por uma reacção de lagrimas.

Os olhos accesos do louco ou do criminoso, que vemos descriptos nos romances, são productos unicamente da tensão sanguinea.

Os olhos vivos de certos animaes são devidos ao effeito da alta temperatura do corpo que tende a pôr a circulação em marcha mais rapida que a habitual.

Sob a acção do medo, a energia é distrahida dos olhos e as pupillas se dilatam em virtude da reduzida sensibilidade da retina.

Na colera, o olhar, sendo fortemente chamado á acção, a sensibilidade da retina é augmentada, contrahindo-se automaticamente a retina.

Nesta, como em todas as emoções, nas quaes o olhar entra em acção, as pupillas tornam-se menores. Mas as varias expressões de todos os sentimentos são devidos, em grande parte, ao jogo dos musculos e á conformação das diversas partes do rosto.

O soluço é um queixume que os labios não ousam formular.

TRISTESAS

Para E. R. C.

Tristemente, tristemente,
Recordo o que se passou,
Tudo mudou de repente,
A f'licidade voôu
Tristemente, tristemente.

Onde estás felicidade,
Onde foste te esconder,
Para que tanta maldade,
Deixa-me ao menos te ver,
Onde estás felidicidade?

Nunca mais, me diz o vento
Nunca mais, ella virá,
Ella fugiu—que tormento.
Fugiu e não tornará
Nunca mais me diz o vento.

Quero rir, quero cantar,
Despresando o soffrimento,
Despresando o meu pensar,
Despresando o meu tormento
Quero rir, quero cantar.

Pereira Bastos.

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

RECTIFICAÇÃO

No soneto de Pericles Maciel, intitulado *Nos Páramos da Gloria* e publicado em nosso penultimo numero, onde se lê: *Resurgem as oblações*, leia-se: *Resurgem ovações*.

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

A ALGUEM

Tu foste para mim um sonho, porque foram um sonho todas as loucuras do meu incomprehendido amor.

Quantas vezes, no silencio inclausurado de meu espirito, eu ouço, escuto como um choral de morte os suspiros que se implumam do meu amor para o teu coração sosinhos, como um bando de aves que fogem, dum ermo sombrio, para um valle aromal virente. Ai de mim! Tu nunca me comprehendeste!

Quantas vezes tua bocca, como um corymbo de framboezas se entreabria em sorrisos eburneos e o zephiro pelo gorgeio de teus falares me acariciava os cabellos e eu julgava-te uma santa e te beijava as mãos como se fossem hostiarios divinos onde se communga o amor; e a minha voz balbuciava: "Ave pulchra cheia de graça!"

Idealista.

Rio, 29 — 4 — 915.

CANÇÕES CHILENAS

VIOLETAS

O' flores, que nasceis tristes,
Entre as hervas escondidas,
Ah! como sois parecidas
Co'as flôres que adorei eu!
Flores, que nalma nasceram
Em meus dias de bonanças,
Eu as chamava — esperanças!
O tempo as emmurcheceu!

Como vós, tambem modestas,
Candidas flores nasceram,
Mas para logo morreram
Por entre o estio da dor.
Pobres, todo o seu orvalho
Era meu continuo pranto,
Seu sol era o brilho santo
Do mais innocente amor!

Formosas, em suas hastes,
Aos beijos d'aura se abriam,
Mas, ao passo que cresciam,
Veio o pezar e augmentou.
E, chorando, recolhidas,
A desventurada sorte,
Sem pensar, lhes chega a morte
E tudo então acabou.

Folhas murchas, sem perfume,
Em meu seio só ficaram,
Folhas tristes que voaram
Ante o furacão da dôr.
Sua alma é já um deserto
Onde nascem só abrolhos.
Já não ha pranto em meus olhos
Para regar outra flor.

Perdi a unica esperança
Da primavera fagueira.
Nem por ser-me a flor primeira,
Respeita-a a morte, bem sei.
Por isso é que vos adoro,
Violetas recolhidas,
Em tudo tão parecidas
Co'as flores que eu tanto amei!

R. B.

Eponina Lima Rocha, distincta alumna da Escola Modelo, de Maceió - Alagoas

O BAILE

O baile é um prazer muito complexo e que, pelos elementos que o constituem, pertence em grande parte tambem ao sentido do ouvido. Todavia, o facto fundamental é um movimento, e um dos ornamentos mais brilhantes que lhe serve de moldura é o instincto sexual.

O prazer do baile reduzido á maxima simplicidade experimenta-o um individuo bailando sósinho e sem acompanhamento de musica. Neste caso o prazer reduz-se ao exercicio de alguns músculos que se movem dum modo rithmico, alternando no repouso e na acção. Se a este individuo se associa uma outra pessoa do mesmo sexo que o acompanha no baile, o prazer augmenta pela participação das sensações. Se o companheiro do nosso divertimento é uma pessoa de outro sexo e se essa pessoa é bella e joven, o pallido prazer do movimento associa-se ás trémulas palpitações dum innocente amplexo, e os mais ligeiros contactos são fontes de infinita voluptuosidade. Se, emfim, se faz ouvir a musica, ella tem o effeito do sol, que, apparecendo no horizonte, incita o mundo para a vida. Todos os prazeres então se confundem e se unificam na harmonia.

Os vertiginosos turbilhões, os languidos abandonos, as graças gentis e as elegantes caricias dos alternos movimentos casam-se ao arfar do seio, ao sôpro do tepido halito, ás olhadelas furtivas, aos interruptos suspiros, aos apertos de mão e ás convulsivas ondulações do corpo. E' então que o homem, feliz de sentir estremecer sob as suas mãos uma criatura vivente, que nos seus flexiveis movimentos o segue nos volteios tempestuosos provocados pela harmonia, se confunde, e encontra o prazer de gozar um dos mais bellos momentos da vida. E' então que a mulher, em todo o orgasmo da sua exquisita sensibilidade, sentindo-se arrastada e levantada no vertiginoso rodopio por mão que a preme contra o peito, do qual afasta o seu seio palpitante e que todavia quereria sentir-se mais apertada, se esquece de viver e com o rosto afogueado, e os olhos incendidos, é reconduzida ao seu logar, que muitas vezes sósinha difficilmente encontraria.

O esplendor das luzes, e dos ricos vestidos, os perfumes e muitos outros infinitos requintes do luxo adornam maravilhosamente os prazeres do baile sem lhe mudar a essencia.

São estes na idade juvenil, e especialmente para as moças, os mais violentos prazeres, posto que muitas vezes sejam fontes de grandes desditas e de prantos precoces. O baile, gozado em toda a sua força, é um prazer verdadeiramente convulsivo, é um verdadeiro subdelirio dos sentidos.

Raul Nunes.

NA TÉLA

Admirando uma paisagem japoneza de Mlle. Abigail Lima

Abigail querida, a gente deixando cair a vista sobre um trecho de paisagem assim, não sente um pouco de mysterio e de sonho, não é?

Que tentadora que é esta Yedda!

Dentro em nós uma emoção delicada procura advinhar o que nella palpita e todo o seu encanto fino e subtil sóbe-nos á alma num sentimento de paz, que não foge ás caricias do sol nem teme as sombras da noite.

A sensação de ver a luz d'outro mundo atravez duma perola, a subtileza d'aza pulverisada d'uma borboleta loura, as facetas crystalinas d'uma saphira que se derrete ao sol, a vizão d'ouro que canta as notas saudosas duma velha canção enamorada, que nos vem repercutir no coração onde grita o desejo para além da phantasia, no seu insistente echo...

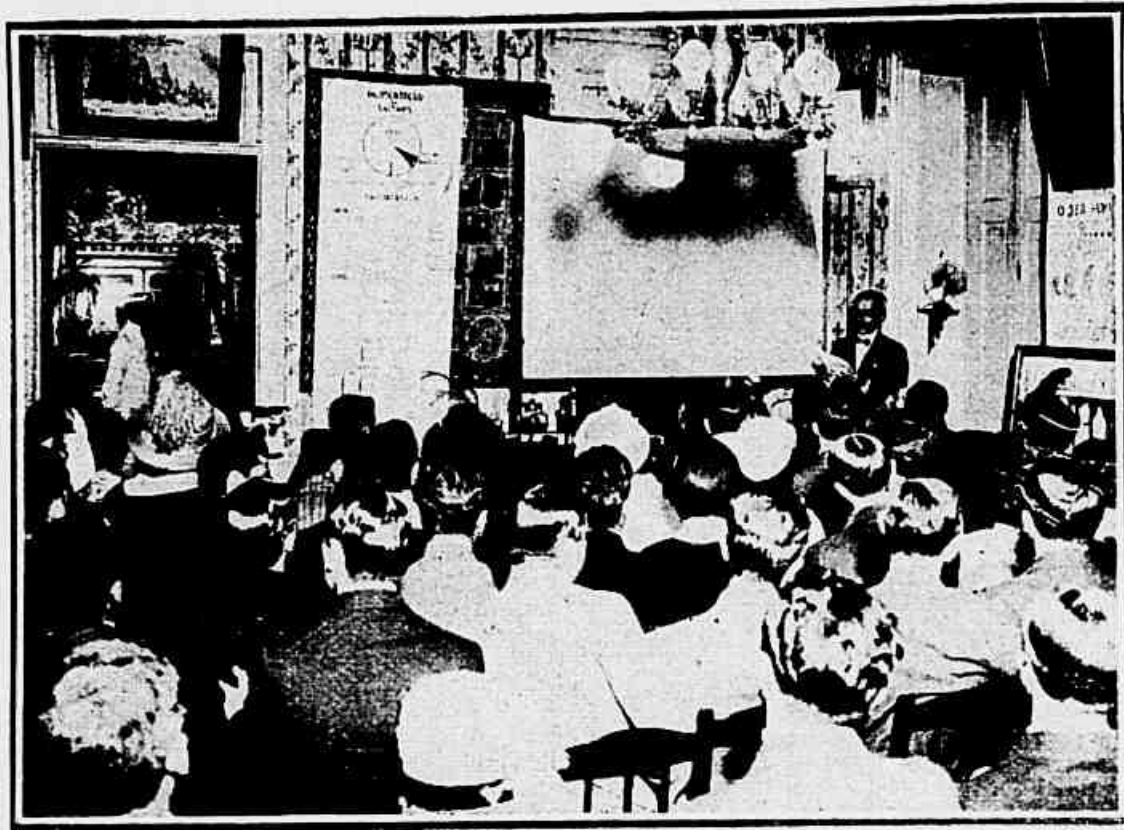
Ah! Abigail querida, com que soffreguidão eu me transporto, mesmo em espirito, a essa nesga do jardim de Hiroshima, ahi na silhuêta azulada do formoso horizonte, no delicioso encanto dos lagos azues, na sinuosidade dos caminhos entre relva, na graça ondulante dos guarás, na doce vizão da encantadora filha do Paiz do Sol — a adoravel "geisha", meia occulta entre crysánthemos dourados e nenuphares brancos, onde não parece haver um só sentimento suspeito.

E ella ahi surge por entre esse lençol florido, erecta, magestosa, leve como a haste de uma grande flor de lotus, ou uma corola aberta, que ri ao sol, ri ás flores com o exquisito ar de sua raça e num particular enleio que não é preciso advinhar que ella é o coração de Kioto.

E, com o seu *não sei quê* de deliciosamente celeste, imprimo aqui nestas linhas, Abigail querida, com a sombra fugitiva de meu sonho, o meu doce sentir.

Ceará — 7 Maio 1915.

Lys d'Alva.

INSTITUTO DE PROTECÇÃO Á INFANCIA

Aspecto do salão do Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia do Rio de Janeiro, de que é fundador e director o illustre medico, Dr. Moncorvo Filho, na noite da inauguração do Curso Popular de Hygiene Infantil

O PIANO

Historia e genealogia

O piano data do principio do seculo XVIII. No tempo dos Egypcios, Gregos e Romanos havia lyras, harpas de innumeros feitios. Da harpa nasceu o psalterio e depois deste vieram successivamente o durcimer, a citale, a clavicithara, o monocordio, o claricordio ou manicordio, a spineta, o cravo e afinal o piano.

O psalterio era uma caixa aberta com cordas de metal sobre ella, as quaes eram tocadas com uns pausinhos ou com o cano de uma penna d'ave. O durcimer era quasi como psalterio, mas tocava-se-o apenas com pausinhos com pontas curvas. A citale era maior e resôava ao toque da ponta dos dedos. Aproveitando os principios já applicados nesses tres instrumentos, a clavicithara appareceu com seu teclado.

Já desde o seculo XI Guido d'Arezzo applicara o teclado ao orgam. Depois da clavicithara veiu o clavicordio, com cordas de metal e com o seu abafador, ou tira de panno applicada ás cordas para impedir a vibração e confusão dos sons. Esse era o instrumento das salas de visitas no tempo em que Cabral descobriu o Brazil.

A spineta foi uma grande melhora no clavicordio, e o harpsodio já era muito parecido com o piano moderno. Naquelle instrumento havia dois teclados um sobre o outro como em orgams. Para cada nota havia quatro cordas, uma dellas afinada uma oitava mais alto que as outras tres e havendo registros que podiam separar os dois tons ou unil-os. As cordas eram tocadas com metal, panno, couro e penna.

Veio afinal o piano, mais ou menos no principio do seculo XVIII. Tres homens disputaram a invenção deste instrumento, mas geralmente considera-se o italiano Cristofale como o primeiro que teve a idéa. Com o piano reviveu-se o principio de produzir a vibração por meio de toques de martello, como no antigo durcimer. O primeeiro que fez um piano regular, e isto só depois de muitos annos de estudo e muitas despezas, foi o allemão Silberman. O celebre Sebastião Bach, addicto como estava ao harpcordio, abandonou-o, entretanto, pelo piano.

A' cerca de Bach e do piano, conta-se o seguinte facto: O rei Frederico, o Grande, que era muito amante da musica e de facto era grande flautista, mandara pôr em varias salas do palacio os pianos que Silberman havia fabricado, para escolher um delles. Afim de experimentar o melhor, convidara os principaes musicos da cidade a um concerto. Bach estava ausente, de visita a um filho. Durante o concerto vieram dizer ao rei que Bach acabava de chegar á sua casa: o concerto foi suspenso. O rei Frederico mandou logo chamal-o e, no meio dos ricos vestuarios das cortezãs assistentes appareceu o maior pianista do mundo, naquella época, no seu poeirento traje de viagem. Ninguem mais tocou sinão Sebastião Bach, que foi de sala em sala, experimentando os pianos e seguido sempre de uma comitiva numerosa de palacianos e musicos. Isto foi em 1748.

Vinte e quatro annos depois, o italiano Clementi deu concertos diversos em varios paizes da Europa e introduziu o piano de um modo mais geral. Em Vienna elle travou conhecimento com Mozart e o padre Haydin.

Uma noite, Mozart encontrou-se com Clementi na sala do palacio de José II que estava então acompanhado do imperador e imperatriz da Russia. Os tres estavam desejosos de ouvir um pouco de musica; mas qual dos pianistas tocaria primeiro? Clementi como mais velho, consentiu começar e tocou um improviso, acabando com uma sonata. Depois delle, Mozart assentou-se ao piano e executou uma de suas sonatas. O auditorio real ficou indeciso: qual dos dois tocava melhor? Clementi reconhecendo isto, decidiu desta forma: "Tenho mais execução na mão direita e toco bem o piano; mas Mozart tem gosto e sentimento, é mais musico." O piano que serviu nesse sarau era de Stain, o successor de Silberman.

Senhoritas que serviram o chá, offerecido em beneficio da Cruz Vermelha dos Alliados

O genio, porém, que estava destinado a pôr o instrumento na altura artistica em que agora o vemos, foi Sebastião Erard. Filho de Strasburg, onde nascera em 1752, era dotado de genio extraordinario para a mecanica. Quando ainda menino, resolvia problemas de mecanica scientifica a que os velhos sabios não podiam dar solução. O seu genio ficou logo afamado e os nobres andavam a pedir-lhe constantemente que fosse passar algum tempo com elles.

Em 1796, Erard fez o primeiro piano horizontal de cauda e desde então até 1823 passou aperfeiçoado o instrumento que afinal chegou a obter as mais delicadas graduações no toque.

Ainda hoje os pianos chamados Erard têm muita fama. Os melhores fabricantes na Europa são Erard, Collard, Pleyel, Sheiedmeyer, Bachstein. Na America os de Chickering, Steinway gosaram de grande fama e ultimamente os de Riter, os pianos automaticos, as pianolas, etc., que consubstanciam a ultima palavra de aperfeiçoamento desse invento, considerado para alguns, de martyrio...

Ha no mundo mais de trezentas fabricas conhecidas e que produzem annualmente cerca de 25.000 pianos. Na fabricação do piano entram cerca de cincoenta materiaes diversos, fornecidos por varios paizes.

O piano deve ser collocado em logar secco, não muito perto da janella, absolutamente fora de correntes de ar e arredado da parede, pelo menos de um a dois palmos.

Nunca deve ser deixado aberto nem se deve pôr objecto pesado sobre a tampa.

Idyllio no Jardim

I

—Como é tão bom amar-se! pobre de quem não ama, triste de quem não vive. Como as rolinhas, á beira dos filetes crystallinos, fazer-se o ninho num tufo florido de madresilvas brancas. Como os pombos bravios dos sertões longinquos, buscar-se o aconchego tépido e viçoso das moitas tumidas do cipoal fremente. Assim amar-se para sempre, eternamente amar-se, ouvindo a mandolinata suave dos beijos longos, num desprendimento completo de magoas e dissabores...

Amar... amar... amar...

II

Eu não amarei nunca, nunca, nunca. Sou o raio mais flexivel, mais brando, mais humano de todos os raios de plenilunio de maio. Meus irmãos amam; feliz dos meus irmãos que amam!

Alta noite, quando a natureza calma, immota, se adormece no frouxel macio e setinoso de meditações profundas, eu os vejo descer precavidos, penetrarem no seio das florestas odorantes e circumvolitarem amorosos por sobre as petalas suavissimas e castas dos lyrios immarcessiveis. E tenho então inveja dos meus irmãos: bemditos sejam os meus irmãos que amam!

III

—Ah! como é bello, como é bello aquelle raio de lua a passear pelos canteiros grammados do jardim, pelas ruas arenosas das alamedas arborisadas a cactus, a sensitivas, a heliotropios...

Se eu pudesse prendel-o na caçoila perfumada do meu seio tumido...

Senhorita Izaura Zedes de Camargo, assignante do "Jornal das Moças", residente em Goyaz.

A graciosa Jacyra, filha de D. Maria de Souza Marcellina

IV

—Mas, se eu podesse amar tambem, não seria tão feliz? Parece-me que sempre tive predilecção pelas violetas, pelas violetas roxas e timidas e de perfume finissimo que se occultam por baixo da copa ramalhosa e fresca de suas folhas verdes... Ah! alli está uma banqueta de violetas roxas, quem sabe se não encontrarei alguma?

E manso e manso, muito precavido e medroso, o raio de lua foi-se approximando, chegou-se, alegre, festivo e brincalhão e poz-se a espiar a violeta roxa de petalas delgaçadissimas, occulta por baixo da copa ramalhosa de suas folhas verdes...

V

A violeta
—Como é bom amar-se!
O raio de lua
—Pobre de quem não ama!
A violeta
—Triste de quem não vive!
O raio de lua (pousando sobre a violeta)
—Amemo-nos...

. . . .

E daquella vez em diante, sempre, em alta noite, quando a natureza calma, immota, adormece no frouxel macio e setinoso das meditações profundas, o raio de lua e a violeta roxa amam-se apaixonadamente pelos canteiros grammados, por debaixo da copa ramalhosa de suas folhas verdes, pelas alamedas arborisadas a cactus, a sensitivas, heliotropios...

Arthur Miranda.

NOTAS THEATRAES

E' com grande jubilo que registramos o exito que tem obtido a Companhia que trabalha actualmente no "Pathé" sob a competente direcção do distincto actor dr. Leopoldo Fróes, o qual teve a felicidade de se fazer rodear de elementos que o seccundam perfeitamente e seria injustiça não fazer uma menção especial da figura brilhante de Lucilia Peres que se tem revelado a artista talentosa já conhecida e querida do nosso publico.

Guardas marinhas que seguiram em viagem de instrucção a bordo do "Benjamim Constant"

*

O *"Trianon"*, o elegante theatrinho da Avenida Rio Branco, continúa a ser o ponto preferido pela élite carioca. A brilhante e modernissima comedia *Pelle Nova*, fez successo e deu boas enchentes. Agora vamos ter uma peça nova, *O Intruso*, original do illustre escriptor Coelho Netto. Não ha duvida que a feliz iniciativa de Christiano de Souza e M. Motta tem sido coroada do mais completo exito.

Depois desta peça entrará em ensaios *A Seductora*, de Roux e Sergine, traducção e adaptação do illustre escriptor Rodolpho Ambronn, nosso collega da revista "A Guerra Européa".

A Seductora é uma peça de grandes attractivos.

*

A nota mais importante, é sem duvida, a abertura do "Municipal", onde estreiou a companhia franceza de dramas e comedias dirigida pelo actor Felix Huguenet, que ha dois annos, trabalhou no mesmo theatro. A primeira representação foi com a comedia em quatro actos "Georgette Lemeunier" de Maurice Donnay.

*

No *Apollo* a companhia portugueza de que faz parte a querida e sympathica actriz Palmyra Bastos, tem alcançado verdadeiro successo.

A opereta "Maridos alegres" tem agradado muito e os espectaculos desde a noite da estreia são contados por enchentes.

*

No theatro "S. José" está em scena a peça patriotica "Sangue italiano", de Octavio Rangel, cuja acção desenrola-se no dia em que foram enviadas para a guerra as primeiras tropas italianas.

Tem tido muita concurrencia.

Grupo de moças leopoldinenses e 2º *team* do "Ribeiro Junqueira Foot-Ball-Club", que venceu o "Raul Cysneiros Foot-Ball-Club", de Providencia

MODAS E MODOS

Mme. de Pompadour disse que o principal dever da mulher é parecer bonita e esta proposição tem passado atravez dos annos como um axioma; d'ahi o empenho sempre crescente que a mulher tem em apparecer sempre bella e encantadora.

E' natural, que, com este intuito recorram á Arte para ajudar a Natureza.

A moda não é mais do que o expediente, o artefício de que se lança mão para esse fim, já o disse um escriptor, notavel ha quasi meio seculo e só é legitima a moda que procura realçar a belleza natural ou então corrigir os defeitos.

As modas não variam só com os paizes e estações do anno: variam de individuo a individuo.

Sem duvida, ha certas fórmas geraes, certas côres que prevalecem quasi universalmente no mundo civilisado em certas épocas.

Ha toilettes que estão sempre na moda, mas o verdadeiro gosto adapta e modifica a moda segundo as circumstancias.

Não ha duvida que muitas pessoas carecem deste gosto e tornam-se victimas de regras arbitrarias que apparecem e se impõem sem um justo motivo.

Nunca, porém, a moda se apresentou com modelos tão pittorescos e com tanta garridice como actualmente. As blusas, as jaquetas, as saias amplas e curtas dão a silhueta um aspecto juvenil, gracioso e guapo, o que aliás constitue o idéal das elegantes.

Não ficareis, portanto, surprehendidas amaveis leitoras com a apresentação do modelo de que vamos nos occupar e que orna esta pagina, uma das ultimas creações da afamada casa Butterick de Paris e Londres.

A saia, a parte mais interessante dessa toilette encantadora, é como se vê, bastante ampla, *jupe cloche*, de cinco secções superpostas, ou babados com fôfôs da mesma fazenda.

Estas secções se unem umas ás outras para se armar a saia.

Este modelo é mais amplo que os do anno passado e si bem que convenha a diversas idades, exige comtudo uma boa estatura e um corpo esbelto. Para uma pessoa baixa e pouco esbelta não convem absolutamente. Neste caso é preferivel a saia nesgada.

A nova saia ampla de cinco secções

Estas saias de *cinco andares*, podem ser confeccionadas em tecido de sêda, lã ou algodão: taffetá, foulard, setim liberty, crépe da China, crepon, etc.

Apezar da sua amplitude estas saias são economicas por que não exigem guarnições e enfeites complicados.

* * *

Com a entrada do inverno, com as suas noites friorentas apparece a necessidade dos abrigos e "sahidas de baile".

As funcções nocturnas elegantes que estão em franco successo obrigam as gentis frequentadoras do Municipal e outros centros chics de arte e diversão ao uso do capote ou *manteau*.

Neste particular o que está mais em voga é o *manteau* comprido, especie de rendigote, muito semelhante aos capotes militares, confeccionados de diversas fórmas, mas geralmente em tecido azul marinho escuro ou preto, sarja, gabardine, cachemire, drap; nunca, porém, da mesma côr do vestido, com debrum de cordões de sêda e pregueados na frente. A's vezes trazem um cinto estreito e comprido, enrolado em volta do corpo, deixando cahir as pontas de um lado.

A côr preta tem a vantagem, alem do bello effeito, de combinar com qualquer côr da toilette.

Neste, como em todos os assumptos de moda, é bom ter-se sempre em vista que o segredo de vestir bem não consiste em seguir cegamente os seus caprichos e decretos. O essencial é procurar um modelo que fique em harmonia com o talhe e a estatura do corpo.

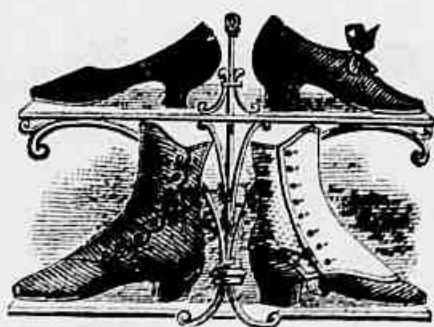
AMELIA.

PAGINAS COLORIDAS

A 1ª toilette da 1ª. pagina, para passeio, pode ser confeccionada em tecido de seda, guarnições de rendas, saia com dois babados, cinto de setim preto com laço fechado, golla alta; a 2ª, de encantadora simplicidade, póde ser confeccionada em foulard, setim, voile, gabardine, com guarnições de rendas, golla virada e mangas curtas. A 2ª pagina contem tres modelos, tambem para passeio; o 1º em gabardine de lã *gris-perle*, com passamanarias e cinto largo da mesma fazenda; o 2· em drap côr de cereja, golla de sêda branca, gravata de velludo preto, cinto largo com pontas cahidas; o 3º, em mousseline branca ou crépe da China, côr de champagne, tunica em bico á frente e atraz e cinto de sêde rosa-claro:

Blusas chics e vestidos muito elegantes para passeio, ultimas creações de Paris

O PE' E OS SAPATOS

Um periodico inglez muito conhecido, a "Pall Mail Gazette", em um de seus vibrantes artigos disse que si as senhoras pensam realmente em obter o direito de votar, como os homens e si querem carta branca para entregarem-se a todas as occupações masculinas, devem antes de tudo abolir a moda dos sapatos geralmente preferidos.

Sou de opinião que ellas devem abandonar a moda quer desejem o suffragio quer não fallem nisso, ainda como as nossas patricias.

O que é um pé bonito?

Leiam o que diz José de Alencar na sua "Pata de Gazella" ácerca do idéal do pé mimoso e não acharão ahi o verdadeiro pé das estatuas dos gregos, o pé bem desenvolvido, mas o pé moderno, o pé do "Campas", o da moda tyranna, — a deformidade, o absurdo anatomico.

No genuino typo do pé da mulher o dedo maximo é realmente "grande" e o minimo é muito pequeno e até ás vezes não existe. A base do pé tem ampla largura e o segundo dedo projecta-se um pouco adinte do visinho — o dedo grande.

No pé moderno, o dedo maximo de todas as senhoras, estende-se alem do segundo. E alem dessas existem outras deformidades, cujo motivo é a moda dos sapatos e botinas.

O calçado machuca os pés, ora por muito apertado, ora por extrema fricção. No primeiro caso dá-se isto: o peso do corpo, no andar espalha-se na proporção devida pelos cinco dedos do pé: o sapato apertado comprimindo os dedos num arco transversal, o peso do corpo cáe somente no primeiro e segundo dedos; e isto causa: 1°, callos molles entre os dedos, por sua fricção; 2°, callos duros em cima dos dedinhos de

A moda infantil—Vestidos para meninas e meninos de pouca idade

fóra e dentro dos dedos grandes; 3º, immobilidade completa dos dedos, excepção do grande; e 4º, finalmente, calosidades compridas debaixo do dedo grande. Quando o calçado é muito apertado na ponta ou é curto, o dedo grande ou o segundo levanta-se do seu logar natural ou então, um outro é sujeito a demasiado e duro contacto com a ponta do calçado e neste caso os dedos ou sahem para os lados ou se vergam para baixo, contrahindo a posição natural.

O remedio para essa deformidade é o "heroismo" de deixar-se um pouco de lado a moda e seguir-se o que nos indica o bom senso. Quanto a mim não sigo moda alguma que me faça cambaia. Um sapato bem feito é o que se conforma com o pé que a natureza me deu e para mim não ha sapateiro que saiba mais que a bondosa natureza.

Aconselho ás gentis leitoras que, quando forem escolher os seus sapatos ou botinas nunca deixem de pôr o pé no chão em cheio, é mesmo conveniente bater com o pé, pois o pé "cresce" com o peso do corpo e ninguem compra sapatos para ficar sentada.

Si, ao menos os sapatos de couro, ou pellica não fossem
forrados elles tomariam a fórma natural do pé; mas o fôrro de
panno impede que elles se estendam bem..

Nunca tomem a medida com o pé no ar. Nunca encom-
mendem ao sapateiro sinão um calçado que se quadre ao pé
e insistam que elle elimine o tacão de guindaste, que faz a
gente andar com o pé perpendicular, o que é só bello para o
gosto estragado dos que não sabem em que consiste a verda-
deira belleza do pé. "A moda que nos obrigasse a andar com
os braços levantados ou com a cabeça voltada para uma ban-
da não seria por extremo absurda"? E então por que darmos
guarida á moda que ataca tão manifestamente todas as leis
da natureza do pé e da locomoção?

E' preciso cortar os exaggeros, sem prejudicar a elegancia
do porte e do andar. Em resumo, o calçado não deve nunca
ser um elemento, um motivo de tortura e mal estar.

Estas idéas já não são novas e têm sido repetidas, mas
nunca é demasiado insistir nos bons conselhos.

Marietta

BILHETES POSTAES

Martyrio! Flôr melancolica que desabrocha com amargas lagrimas e viceja na presença d'um amor não retribuido.

Timida.

A' Altina

A lua é amavel confidente, a doce amiga, a terna companheira das almas sinceras e apaixonadas.

Dalva Valle.

Ao joven C. F.

Morrer! é uma delicia, um sonho dourado, para quem, como eu, ama e vive na incerteza de ser amada!...

Magnolia.

J. A. de A. G. Junior.

A expressão de um olhar, muitas vezes, vale mais do que as melhores e mais amaveis palavras.

Rio.

S. P.

Para Lucila

De todos os golpes, o que mais sentimos é aquelle produzido por um **não** da pessoa a quem declaramos um sincero e puro amor.

20 — 5 — 915.

Azul.

A saudade não mata mas martyrisa lentamente um coração sincero.

Amar sinceramente uma amiga de infancia é o sentimento mais bello e eloquente do coração humano.

Rio, 19 — 5 — 915.

Zuzella.

Ao J. Pinto

Quizera, coração, que fosses insensivel ao amor que me dilacera a alma...

Elzinha.

Assim como quem é infeliz deseja encontrar um coração amigo com o qual possa desabafar as suas maguas, eu na leitura amena do "Jornal das Moças" encontro lenitivo para esta vida amargurada e triste.

Rio 26 | 5 | 1915.

E. G. N.

Ao amiguinho Fáfá

A saudade é a brisa que suavemente baloiça os corações, fazendo-nos rememorar as alegrias passadas, e que, infelizmente, jamais voltarão!...

Bello Horizonte.

Maud.

A alguem

O homem é traiçoeiro e rude como o mar nas horas da tormenta.

E. P A.

Para João

Uma declaração de amor e uma fita comica de cinema são a mesma cousa...

Ponte Nova — Minas.

A' Camelia Branca

Meu coração é um pobre passarinho
Que alimentado pelo grão da esperança,
Vae voando, vae voando... coitadinho!
Em busca de um idéal que nunca alcança.

Ponte Nova — Minas.
9 | 6 | 915.

Jasmin do Cabo.

Ao E. M. N.

A saudade é um sentimento doce e irresistivel que desabrocha ao calor suave de corações bem formados e sinceros.

9. de Junho de 1915.

Moreninha.

A' meiga Annunciata

Este mundo é um mar de illuzões, onde se navega no batel do Amor, levado pela briza da Esperança, guiado pelo timoneiro da Sinceridade e mais tarde submergido nas impetuosas ondas da Ingratidão!

Julieta.

A' magnolia Triste

Sim, teus pensamentos são verdadeiros hymnos de glorias, passados, dardejando chammas de amores mal correspondidos...

Asta Nielsen.

A quem me entende...

Feliz d'aquelle que em sonhos bebe o veneno dos teus beijos!

Nielsen.

Lili Nielson

Viver sem teu amor, não é querer viver, sabendo viver.

Nelsina.

A' D. W.

Por um olhar, muitas vezes, cobra-se de um coração um imposto cruel.

Hamleto,

A alguem

A felicidade: — princeza desconhecida, que traz na vertiginosa carreira do seu prestito innumeras alegrias, nos abandonou sem ao menos nos mostrar o caminho tortuoso que haviam de seguir para alcançal-a. Hoje que se lançam dois corações no abysmo do desepero, duas almas na recordação do passado, com os olhos mergulhados em prantos, assistimos o desfilar funereo do esquife do nosso amor, que a passos lentos é conduzido em direcção ao tumulo da saudade.

Doly,

Ao meu G. L. Neiva

Ingrato? Isto não o és tu, bem o sei; rigoroso e egoista no amor, demasiado, talvez.

Perdôa-me, porém, a vaidade, o orgulho com que te tratei!... Humilho-me a teus pés, pedindo-te perdão dos meus arrebatamentos!...

Volta! Volta, que a felicidade que me déste foi ephemera como a vida das flores, e eu a desejo para sempre!...

Rio | 1915.

Guiomar.

O desesperado não chora, porque a lagrima é o inicio da consolação; chorar não é baixeza nem cobardia: porque o pranto é sentimento, e sentimento elevado. Não é cobardia porque quem chora não foge ao soffrimento, antes o enfrenta, porque a lagrima é um desafio.

Graciema E.

A' boa amiguinha Guiomar

E's o pharol benigno que no tempestuoso mar da vida aponta-me os grandes escolhos; és a consoladora amiga nos dias da minha desventura; és emfim... tudo o que mais precioso se pode possuir nesta vida ingrata: uma amiguinha sincera.

Magé.

Lauy.

A' De los Anges

Olhos que tendes a suave tristeza dos profundos e bonançosos lagos, não me fiteis assim! Bem sabeis quanto vos amei na phase mais feliz da minha juventude, embora ella fosse como disse Rostand:

"Viver tristonho e só na sombra merencoria
E ver o outro colher o beijo da victoria."

Tudo passou e minh'alma adormeceu. Não procureis despertal-a.

Ai de vós se o nosso amor resurgir do tumulo de saudades em que jaz!

Agora tenho medo de vós, tenho medo de mim!

Olhos que tendes a tristeza dos lagos não me fiteis mais assim!

Cyrano.

A' quem me comprehende

Amei com tanta sinceridade, entretanto a recompensa foi a mais negra e cruel ingratidão.

Paracamby, 3, 6, 915.

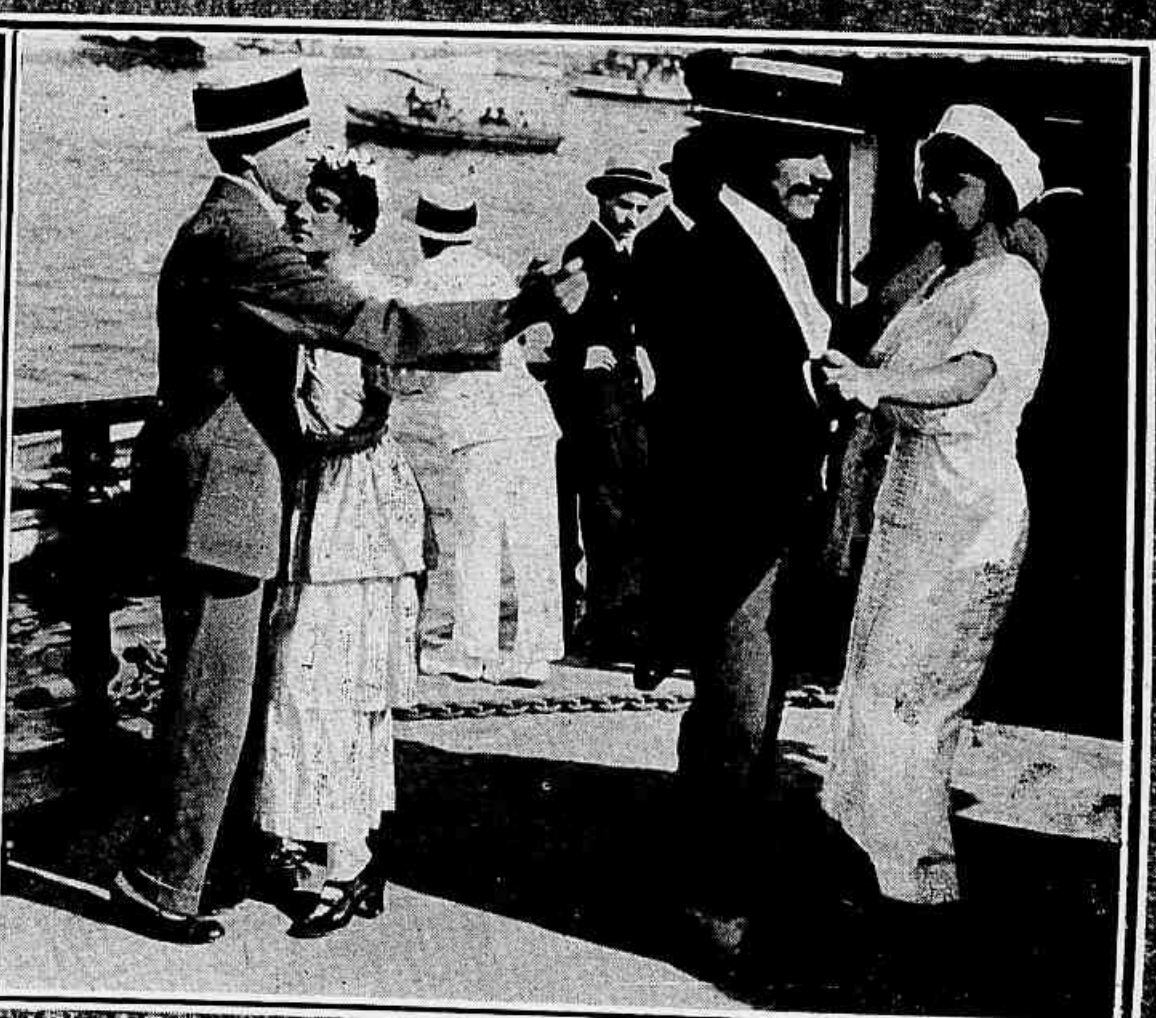
Htinez Avlis.

Para as leitoras do "Jornal das Moças"

Quando amamos, não ha obstaculos que ultrapassem as nossas forças, não conhecemos o impossivel, porque somos movidos por esse sublime sentimento que se denomina — Amor.

Barbacena.

Alram Lenar.

CLUB DE REGATAS ICARAHY

A bordo da barca "Setima" por occasião da 1.ª regata da presente estação effectuada pelo Club Icarahy

QUE HOMENS PREFEREM AS MULHERES

Quaes as principaes qualidades que deve ter um homem para ser querido das mulheres?

Em uma de suas ultimas novelas, a escriptora ingleza Ada Leversen descreve, a largos traços, embora insistindo em alguns detalhes, a classe de homens a que preferem as mulheres. Não vamos, aqui, pôr aos hombros o pesadissimo fardo de discutir tal assumpto, escabroso e interessante tambem... As mulheres, ellas proprias, que o digam: queiram este ou aquelle; amem sómente os Manés, os Johns, os Vicenzos, os Pachás-bey, os Oswaldo, etc., queiram e amem aquelles que entenderem, e o caso, o grande caso! estará resolvido.

Um homem bonito — escreve Ada Leversen — de estatura mais que mediana, forte, intelligente, sem fazer, porém, ostentação de uma nem de outra cousa; de bom genio ainda que seja ciumento, — porque, se no amôr faltam zelos, não haverá carinho, — esse homem, certo, será o querido das mulheres. As mulheres amam os homens aos quaes se podem entregar, confiantes, e, mais, na certeza de, algumas vezes, podel-os enganar. Nas occasiões necessarias, é natural, porque do contrario o engano toma proporções outras..."

No Ceará — Um grupo de amiguinhos do «Jornal das Moças»

A opinião da novelista Ada Leversen merece ou não confiança, póde ou não ser levada a serio? Trabalho ingrato esse de uma resposta que satisfaça, pelo menos ao menor numero de pessoas — de mulheres é que é! Comparemol a entretanto, a opinião acima, com as de outras escriptoras e mulheres celebres. Depois, de qualquer fórma, saberão, quantos nos lerem, a que classe de homens preferem as mulheres ou, melhor, quaes as qualidades que um Adão desse XX seculo deve ter para tornar-se querido das mulheres.

Conforme escreve Maude Annesley, o physico importa pouco — que salutar consolo para os feios! Cada mulher tem seu gosto, e o gosto varia totalmente. A bondade é um ponto importantissimo. Eis, porfim, o resumo das qualidades que Maude Annesley quer no homem, para o caso: Physico: bonito ou feio, pouco influe; bella voz — os cantores, felizes os tenores os barytonos e baixos; muito vivo, mas sem malicia, attento aos menores detalhes, com muito tacto, força, intelligencia e, sobretudo, um caracter jovial.

A Sra. Adelaide Arnold, emittindo sua opinião a respeito, reconhece que a Sra. Ada descreveu perfeitamente o typo do homem que, geralmente, agrada á maioria das mulheres, quando diz que é preferivel um homem feio com caracter, a um Adonis estupido. Póde-se garantir que a mulher (conclue a Sra. Arnold) prefere ao homem mais de accordo com seu ideal individualista.

"O homem deve ser energico, ter bellos olhos, longa barba — não denunciar-se mesquinho... pelo rosto! O homem não póde nunca deixar de ter o espirito necessario para comprehender a infancia."

E' a Sra. Askew quem assim pensa, e conclue: "Prefiro o homem intelligente ao ciumento, que detesto. O homem deve ser generoso, de idéas largas, abundante de imaginação. Não me agradaria um homem fraco e cobarde. Pouco se me daria desposar um homem de mau passado, porém que satisfizesse ao meu ideal, mesmo porque teria confiança nelle para o futuro."

A seguir, encontramos a Sra. Catalina Bates, de pleno accordo com Ada Leversen. Detesta o homem tyrannico, e concorda em que se deve enganar o homem algumas vezes, accrescentando, entretanto, que se é um pae ou um marido bom, nenhuma razão existe em enganal-o a mulher.

A mulher que sabe viver de accordo com seu marido, não neccessita de machinar enganos... Taes praticas são perigosas para á felicidade conjugal. A qualidade imdispensavel a um casal feliz é que o homem e a mulher se entendam sempre, procurando um satisfazer aos caprichos do outro. Para isso, porém, se torna indispensavel ao homem uma dóse bastante de fina educação, de sorte que á mulher pareça, a toda a hora, desculpavel...

As quatro principaes qualidades que a Sra. Marjorie Bawem quer nos homens são: valor, intelligencia, alegria sã e sympathica, e, se a estas se ajuntam a doçura e a generosidade, a perfeição é completa, ou seja um ceu aberto!

A Sra. Sofie Cob diz-nos que é muito natural que as mulheres prefiram os homens grandes, fortes e intelligentes, mas o que todas desejam é um homem que as comprehenda... e isso raramente encontram.

A Sra. Philip Hanguiam de Crespigny opina que as mulheres modernas não querem os homens autoritarios. O cavalheirismo, o verdadeiro cavalheirismo do forte para o fraco, é a qualidade que mais agrada ás mulheres. Tal qualidade, sem duvida, se encontra no homem descripto pela Sra. Ada Leversen. A mulher confiaria sempre em semelhantes homens.

"E' difficil dar-se o typo do homem do agrado da mulher." Diz a Sra. May Edgington: Que o homem seja grande ou pequeno, pouco importa. O que preferimos, ou por outra, o que preferem as mulheres, é que o homem seja alto, mais alto que a mulher em geral. O contrario é um contrasenso. A mulher deseja seu marido seja o romance de sua vida. O romanticismo encontra-se em todas as mulheres, inclusive as mais prosaicas. A mulher adora a propria vida diaria, essas pequenas cousas que se chamam: uma palavra carinhosa, uma phrase de amôr, um beijo furtado, uma rosa emurchecendo... Um homem intelligente, sabedor disso, põe a mulher "em termos" realizando todas essas cousas, que, aliás, custam tão pouco! Para ser feliz uma mulher unicamente quer — e é um nada, pequena cousa — que seu marido lhe mostre sempre o seu amôr, como quando era simplesmente noivo. Entende Elinor Glyn que os sexos se dividem em dous typos geraes: a mulher que quer mandar e a que quer ser mandada. Cada typo escolhe o typo adverso e guarda seu ideal na imaginação.

A Sra. H. H. Penrose é de parecer que se póde encommendar um marido, tal qual se faz com um vestido: á mulher, então, é dado escolhel-o sempre bello e alto. E' verdade que a regra não abrange o geral. A mulher enamorada não admitte critica ao objecto (o homem) querido. Este paira muito acima do commum, para os caprichos da mulher, é claro.

Ha mulheres intelligentes e que se humilham junto aos maridos. Mas, são as mulheres. O homem não. Por isso, não se deve indicar para esposo aquelle, zeloso e que se deixa facilmente enganar pela mulher. E' facto que, em questões de amôr, o que mais pesa na balança matrimonial é a sympathia,

são os gostos e os interesses communs ..um bom caracter e um espirito jovial fazem passar sem sombras todas as difficuldades da vida.

A Sra. Bailie Reynolds acha que as mulheres têm o gosto tão variado, como os homens, o que é, no fundo, a mesma opinião da Sra. Alfred Sdwick, ou ainda da Sra. Ada Leversen. Conclue a Sra. Sdwick lastimando que a classe de homens no caso acceitavel seja . . . uma raridade!

A Sra. Willianson diz que as mulheres terminam por amar a classe de homens que pensam detestar. Seu ideal é o homem bom, perfeito—como nós que estas escrevemos—cheio de actos heroicos, taes estes de dar a publico opiniões de mulheres a respeito de homens! As mulheres amam os homens que detestam, sim. Já se escreveu ser o odio excesso de amôr! De outro lado, ha a casualidade, se não, é peior, o "que tem de ser" — a fatalidade. Esfuma-se, então o ideal; a realidade tomanos de assalto, a homens e mulheres. Ao mais exigente, á mulher naturalmente, cabe o specimen imperfeito. Todos os homens são imcomprehensiveis para as mulheres, porque estas se fazem enigmaticas, em boa hora seja dito. Homens e mulheres, porém, terão seu dia de felicidade, esse dia de felicidade que é, aliás, todo o que Deus lhes dá, porque cuidam haver ainda algo de mais profundo a conhecer no intimo do ente amado.

A Sra. Stanley Wrench diz que a força masculina agrada sempre ás mulheres, emquanto que a belleza não fica bem ao homem . . .

O homem bello é vaidoso . . . Os homens fortes, embora feios — não vaidosos — são o ideal das mulheres. E' a classe dos homens feios que preferem as mulheres! Dizem-nos as proprias mulheres. — L. S.

NOTAS MUNDANAS

ANNIVERSARIOS

No dia 14 do mez passado a gentil Mlle. Marianna da Fontoura Rocha, residente na Villa Militar, festejou a data de seu natalicio, recebendo por este motivo muitas felicitações de suas innumeras amigas.

No dia 18 do mez ultimo passou o anniversario natalicio de Mme. Manoelita Travassos da Fontoura, virtuosa esposa do sr. general Carneiro da Fontoura, e muito querida pelos dotes do seu coração bondoso.

No dia 17 festejou, entre risos e flores, o seu anniversario natalicio a graciosa senhorita Alicinha Bayão, residente em Jequery—Minas.

Fizeram annos no dia 18 do mez findo Mlles. Helena e Suzana de Figueiredo, apreciadas musicistas, que occupam logar de destaque no nosso meio artistico.

No dia 27 festejou o seu anniversario natalicio a distincta Mlle. Esmeralda Pinto, filha do Sr. Domingos Pinto.

NASCIMENTOS

Está em festa o lar do 1º tenente Arsemi Espindola e de sua exma. esposa D. Cynna Ferreira Espindola, por motivo do nascimento da interessante Ubyratan.

O Sr. Eduardo Telles Moreira e sua exma. esposa D. Augusta Moreira, têm o seu lar enriquecido pelo nascimento do robusto menino Adhemar.

CASAMENTOS

Recebemos a participação de contrato de casamento do Dr. José Lucas R. da Camara com a gentil senhorita Isolina Ferreira B. de Menezes, residentes em Boa Familia, Estado do Espirito Santo.

Commemoração do combate naval do Riachuelo no dia 11 de Junho. Os aspirantes da marinha prestando continencia á estatua do almirante Barroso, na praia do Russel. Senhoras e senhoritas que assistiram a essas manifestações.

Contratou casamento com a gentil Mlle. Nair Leite e Almeida, filha do Sr. José Almeida, desta praça, e D. Maria José Almeida, o nosso bom amigo Julio Lobato Koeler, filho do distincto Dr. Julio Koeler.

Acaba de contratar casamento o Sr. Raul Fernandes Carneiro, com a gentil Mlle. Julieta Rosa.

Contratou casamento o Sr. Amadeu Sucupira com a senhorita Aurora Fernandes Carneiro.

O Sr. Djalma Candido Nogueira contratou casamento com Mlle. Lucia Pinto, filha do negociante e capitalista, Sr. Manoel Joaquim Pinto da Silva.

Contratou casamento com a graciosa senhorita Carmelia Isabel de Andrade, o Sr. João Ventura da Silva, residente em Vargem Alegre.

No dia 16 de Junho fez annos a senhorita Sinhá Gomes, nossa estimada representante em Jequery.

Norival P. — Recebemos sua carta. Não foi por mal que fizemos aquellas ligeiras observações. Os outros trabalhos sairão mais tarde.

Ciumenta — Vamos reler o seu "Desmoronamento"

Botelho — E' preciso mandar o cliché.

Sinhá Gomes — Recebemos e agradecidos publicaremos no proximo numero.

Informações e conselhos

Maria Adelaide — Não, senhora, é inconveniente, espere que lhe fale em primeiro logar.

Conceição M. — V. Exa. diz: *estou muito magra e desejo engordar um pouco : o que me recommenda para isto?*

Antes de tudo, muito socego de espirito; evite tudo que seja amofinação. Divida e passe o dia regularmente e sujeite-se a sua propria disciplina, dormindo 7 a 8 horas. Dedique-se a trabalho certo, mas não agitado, que a occupe bastante, mas separe no dia e principalmente á noite algumas horas de méro recreio. De manhã tome um copo de bom leite morno e dê um pequeno passeio e de vagar. Comer isto ou aquillo sem bastante repouso de nada vale. E se não gostar deste conselho procure então um bom medico.

Escola Normal — 1°, (Ao alto), Grupo de alumnas do 2°. anno. — 2°, Grupo do 1° anno. — 3°, Turma de Gymnastica do 1° anno do curso diurno

Correspondencia do "Jornal das Moças"

Engeny — Recebemos sua amavel cartinha; infelizmente, por ter chegado tarde, só hoje podemos dar a noticia. Os trabalhos que nos mandou são longos de mais para o espaço disponivel; seria favor escrever tres ou quatro tiras, no maximo, assim poderá apurar melhor o estylo que se resente ainda de algumas lacunas, facilmente reparaveis.

Lucio Lima — Pedimos-lhe desculpas, mas não encontramos o seu soneto. Será favor mandar-nos novamente.

Italo Machado — Dos seus trabalhos publicaremos no proximo numero os versos dedicados a senhorita Elisa. E o titulo?

Deprym — Com alguns retoques será publicado o seu "Noturno".

O beijo é um fructo saboroso no qual apenas roçamos os labios e que nos ensina a sermos insaciaveis.

HISTORIA COMMUM

Ainda me lembro bem,
Ella, coitada! um dia,
Não tendo mais ninguem
A quem contar podesse o que soffria,
Chamou-me brandamente,
Com ares de carinho,
Perguntando sí nunca, em meu caminho,
Surgiu-me de repente,
Uma mulher formosa que dissesse
Num riso, em doce olhar,
Tudo o que a gente nunca mais esquece
E que annos de prazer vive em lembrar.
Que vivesse depois sempre a meu lado
E que, p'ra tel-a sempre assim unida,
Eu lhe tivesse dado
Parte de minha vida.

Via-se no seu rosto
Profunda prostração moral e physica.
Pezar antigo e fundo estava exposto
Em seu olhar de thysica.
Já tinha salientes os frontaes
E uma ruga precoce apparecia,
Quem sabe até si p'ra deixal-a mais?
Quando ella, ás vezes, timida, sorria.
Da antiga e radiante formosura,
Inda notava o magico fulgor
Que, cheio de belleza e graça pura,
Errava em seu olhar encantador.
Tinha a mão secca e quente,
Desfeitos do cabello os lindos mólhos,
Um ar de santa triste e commovente
Com um signal de lagrimas nos olhos.

Eu respondi que não.
Não sei o mal que fiz.
Ella voltou os olhos para o chão
E, triste, murmurou: — Quanto è feliz!
Contou-me então que nos primeiros annos
De de sua vida, que tão curta fôra,
Por entre sonhos mil e desenganos,
Vira de amor a sombra encantadora.
Que em doce idyllio de illusões fagueiras,
Como trépida lympha rumorosa,
Cheia de flores pela ribanceira,
Correra-lhe essa vida descuidosa . . .
" Ao nosso coração,
" Quando tem de passar pelo cadinho
" Da primeira paixão,
" Tudo parece flor pelo caminho."
Que no primeiro instante de loucura,
Entregara-se toda,
Cheia da mais celestial ventura,
Inteiramente douda.
" Não sei o que elle fez
"Nem que estupendo encanto ou que magia
" Continha o seu olhar: si alguma vez
" Elle dissesse: — Mata-te! eu morria.
" Eu não tinha uma idéa, uma esperança
" Que delle não viesse ou não partisse.
" Si um dia se passasse sem que o visse,
" Eu soluçava como uma criança.
" Perguntava a mim mesma nesse dia:
" Póde haver dor maior que a que concentro?
" Mas ao vel-o de novo, oh! parecia
" Que o céo entrava pela porta a dentro!
" Estava em suas mãos o meu futuro,
" Minha existencia era só delle escrava...
" Nem me era dado ver o ponto escuro
" Que ao longe me aguardava.
" Quando é o coração que ama e se entrega,
" Vae-se seguindo pela vida á fóra,
" O olhar vendado, inteiramente cega,
" Sempre esperando que desponte a aurora.
" Toda a estrada parece abrir-se em flor,
" Em cada ramo escuta-se um gorgeio,
" Pois si temos no seio
" Tudo cantando pela voz do amor!
" Mas, passado um instante,
" Adeus, promessas de fingido amante!
" Contar o que soffri, fôra preciso
" A idéa dar de um padecer eterno.
" Fôra como descer do paraiso
" Ao derradeiro circulo do inferno.
" Não fiquei louca, a morte não me alcança
" Ante tão doloroso contratempo,
" Porém já presa da desesperança,
" Julguei-me louca e morta ao mesmo tempo.
" Quem fazendo do amor a propria vida,
" Descrever póde o tragico transporte
" Em que fica alma ao se sentir ferida
" Por essa dor inda maior que a morte?..."

Longo cançaço subito prostrou-a . . .
Levou as mãos aos olhos tristemente.
E vi essa alma delicada e boa
Alli prostrada a soluçar, gemente.
E comecei a reflectir, diante
Desse espectaculo contristador,
Na dor que soffre um coração amante,
Abandonado pelo seu amor!

Ricardo Barbosa.

PAGINAS DO CORAÇÃO
VALSA LENTA
POR B. MONTES
AO PROFESSOR SOARES DIAS
Introdução
Mod.to mf.
Valsa lenta.
P. Com muito amor
P
mf.
F
rall.
P
Fin.

Piu mosso
a Tempo
cres - cen - do
di - mi - nuindo
F
mf rall
P
P
P
rall
P
D. Cao Fim
26-915

Torneios Charadisticos

1· torneio. — Solução do n· 24: *Doblete — dote; Maravilha — malha; Prolico — proco; Proclama — clama; Iambeira — beira; Thalamo — mo; Arestos — restos; Dadiva.* Decifradoras:

Antonietta Mandarino, Ailez, Cecilia Netto Campello, Colibry, Chrysanthéme d'Or, Farfalla Azzurra, Garota Nonicia, Izabel P. Aguiar, Jumelin, o Mercês, Melpomenes, Mar Dag, Myosotis, Pasquinha, Roitelet, As Tres Graças, Verda Stelo e Zilda. Todos têm oito pontos.

2· torneio. — Premios ás duas decifradoras que alcançarem maior numero de pontos e a autora do melhor trabalho.

BROBLEMA N. 1

Na colonia franceza comprei um capote — 2.

As Tres Graças (Nictheroy).

PROBLEMAS Ns. 2 a 5.

Charadas syncopadas

E' preciso grande esforço para produzir movimento — 3 — 2.

Aélez (Nictheroy).

Esta arma eu vou revistar — 3 — 2.

Antonietta Mandarino.

A flor possue quem tem amizade — 3 — 2.

Cecilia Netto Teixeira.

O dormitorio de clara — 3 — 2.

Garota Nonicia.

PROBLEMAS Ns. 6 a 11

Charadas novissimas

O sentimento correcto é o emblema desta flor 2 — 3.

Chrysanthéme d'Or.

Todo fidalgo que soffre deste musculo tem medalha de distincção — 2 — 3.

Melpomenes.

Procura no astro a tinta — 2 — 1.

Pasquinha.

Abrigo no rosto a união — 2 — 2.

Singella.

Na egreja de Nancy encontrei a mulher — 2 — 1.

Mar Dag.

Estimo a flor que inspira amor — 2 — 2.

Verda Stello.

PROBLEMA N. 12

Charada casal

Ella — Nessas noites invernosas
Quanta gente a me contar
Elle — Quantas moças pezarosas
De mim a linha a tirar — 3.

Colibry.

PROBLEMA N. 13

Charada apherisada

3 — Até á vista, senhor — 2

Zilda.

Correspondencia. — *Zilda, Juvelino* (Petropolis), *Pasquinha, Garota Nonicia.* — Recebemos.

Mlle. Alzira ou Mlle. *Lys?* — Só podereis ser inscripta com um pseudonymo.

Myosotis — Para a inscripção deveis enviarnos a indicação de vossa residencia.

Roitelet — Foi um descuido nosso, não reparámos que a lista de decifrações trazia o vosso nome e residencia. Foi deferido o engraçado requerimento. Agradeço e retribuo a Rondel.

Singella — E' favor enviar-nos o vosso nome e residencia.

Mar Dag — Inscripta. A vossa lettra é muito parecida com a de um amigo, que venero. Quem sabe?

Antonietta Mandarino — V. Exa. tem razão. O problema n. 32 tem 1 e 2 syllabas. As charadas mephystophelicas têm dois conceitos parciaes e um total, servindo a ultima syllaba da primeira palavra para a primeira syllaba da segunda. As nossas soluções estavam certas.

Orama.

Idyllio

Desenho da senhorita Vera

COUPON

Torneio charadistico para moças.

Voto no problema n.º

COUPON

Torneio Charadistico para moças.

1—7—915

O terror d'um bandido

EM Maués, pequena povoação estendida á margem direita do Rio Amazonas, existia um homem com uma cabelleira enorme e todo mettido a valentão, chamavam-n'o o "Caveira", pois o diabo do homem era muito feio e quando a barba lhe crescia uma semana, a sombra que lhe fazia nas faces dáva-nos a impressão de estar vendo realmente uma caveira.

Devido ao seu temperamento brutal e andar sempre falando em facadas e tiros os seringueiros tinham-lhe uma antypathia horrivel e o "Caveira" assim não arranjava collocação e com isso pouco estava se importando.

Sabia-se que elle era tambem um salteador terrivel e por isso sempre tinha dinheiro.

Quando a policia o queria agarrar, elle puxava da afiada faca e dizia logo para os soldados:

— Tendes mãe, tendes filhos para sustentar? Vêde bem, eu não tenho nada a perder. O primeiro que me agarrar... enterro-lhe esta "bicha" na bocca, no coração.

Todos ficavam indecisos, ninguem se atrevia a pegar o "Caveira".

Um dia elle pretendia assaltar um seringueiro que morava n'um barracão mais afastado da povoação. E então ficou, alta madrugada, justamente á hora em que o seringueiro deveria regressar á casa, escondido junto d'um velho muro onde a claridade da lua não podia penetrar devido a um grande oitiseiro copado que cobria quasi todo o muro. Dá-se que, de vez em quando, o "Caveira" via a um metro de distancia uma sombra como que de um bicho cabelludo. O "Caveira" desta vez tremeu, ficou mesmo todo arrepiado. Olhou bem, apertou bem as palpebras como um miope que procurava enxergar melhor e zás... correu a agarrar o bicho. Nisto o bicho tambem corre e o "Caveira" quando chegou na estrada, clareada pela lua, notou que o bicho desapparecera como por encanto. Voltou então outra vez para o esconderijo e outra vez o bicho cabelludo se lhe apresenta.

O "Caveira" agora pucha da afiada faca e corre desesperadamente atraz do bicho que outra vez ao chegar a claridade da lua desapparece, indo o salteador de encontro a uma arvore quebrando o nariz. Nesta occasião chega o seringueiro que, vendo aquelle homem assim todo ensanguentado perguntou o que havia occorrido.

— Eu corri — disse o "Caveira" — atraz dum bicho mysterioso e sem ver esta arvore fui de encontro e quebrei o nariz.

O seringueiro fez mais outras perguntas e o salteador foi mostrar onde o bicho apparecia.

E os dois homens foram todos medrosos até ao muro. Ao chegarem lá o "Caveira" gritou horrorisado:

— Vê, agora são dois!

O seringeuiro que não era "burro" viu logo que aquelles dois bichos eram as suas duas sombras, sendo a do "Caveira" a cabelluda por causa da sua enorme cabelleira. E cahiu n'uma gargalhada estridente deixando o "Caveira" bestificadamente apavorado com a sua sombra.

Aos bandidos até a sombra faz medo.

MLLE. LIÈGE.

Heloisa Maria de Oliveira
Filha do Dr. Alfredo Egydio e Professora
Carolina da Silva Oliveira

Na molestia de Zara

A pequena Zara, tão pequena
Como um botão de flôr,
Cahiu enferma, e agora mette pena
Vel-a chorar de dôr.

Ao coração contrista
Vel-a doente, essa creança airosa,
No pequenino leito de pau-rosa
Com brando cortinando de batista.

A luz de fóra a doura,
Dando-lhe uns tons de anjinho.
E a pobre rosa, tão corada e loura,
Chora magoada o maternal carinho.

Zara parece uma boneca linda,
Um pequenino, um leve mimo d'arte.
Muito creança ainda,
Mais já fala e já vae por toda a parte.

Os seus fartos cabellos annellados
Tombam da fronha em meio,
E os travessos olhinhos azulados
Como que accusa muita dôr no seio.

A mãe a toma ao collo a cada instante,
Beijando-a a soluçar...
Só Deus comprehende o coração amante
De mãe que sabe amar!

Vendo-a chorar, a mãe o céo impreca,
Cheia de muita dôr:
— Como póde soffrer essa boneca
Que o céo só fez para o seu grande amor?...

Quando Zara repousa,
Lá fica a triste mãe a olhar-lhe o busto,
E a scismar tanta cousa
Que só lhe sae da mente a muito custo!

Si respira mais forte,
Si o doce olhar mais vivido rebrilha,
A desolada mãe pensa que a morte
Já vae levar-lhe a filha.

Pede a Deus que lhe torne o olhar mais
(brando,
Que vibre o coração que quasi pára...
Que será della, um dia, só, faltando
Sua adorada e pequenina Zara?...

....

E Deus ouviu a sua prece, ungida
De fé e de virtude:
Agora Zara já sorri á vida,
Brilhando-lhe á face as rosas da saúde.

Sylvio.

Creanças e passaros

ADMIREI já um magnifico quadro—Jesus circumdado de uma multidão de creanças—e senti uma onda suavissima de ternura invadir-me o coração, porque eu amo as creanças, sejam ellas filhas de nobres ou da plebe ou mesmo que não sejam filhas de ninguem...

Sinite parvulos venire ad me! Quanta bondade e quanta doçura nestas simples palavras do louro Jesus de Nazareth! Deixai que as creanças venham a mim! Deixai que ellas povôem como flores, o meu pequeno quarto; deixai que as pequenas cabeças me estejam em redor; que as sua boccasinhas pousem na minha bocca.

Não tendes vós, amabilissimas leitoras, pequenos irmãos, pequenas irmãs? Não sentis um delicioso prazer, quando vos pondes a jogar ou a brincar com ellas depois das horas aborrecidas da escola, depois dos trabalhos afadigantes da casa? Eu tenho irmãos pequenos e pequenas irmãs e delles alcanço esta infinita beatitude.

* * *

«Si no cruzamento de um caminho deserto encontrasse uma creança abandonada, levaria-a commigo e seria meu filho».

Assim canta Ada Negri. Uma creança abandonada! Deus meu, sinto um calafrio de terror só em pensar nisso. Porque sei que todas as creanças tem sua mãi e não consigo imaginar uma creança, sósinha, abandonada nas ruas rumorosas de uma cidade, onde mil perigos a ameaçam a todo o instante. Existem, no emtanto creanças abandonadas que passam o dia mendigando e acabam, vencidas pelo desanimo, no fundo do mar ou na perdição moral. E, ás mais das vezes, terminam nas mãos de infames especuladores, que as martyrizam atrozmente, até que as vejam morrer de inanição... Oh! as tragedias das pequenas almas! Ao ver por vezes, roseos bracinhos, rostosinhos redondos deturpados pelo sulco da vara da chibata, sinto um fremito em todo o meu ser e desejaria alcançar os vis carrascos com a prompta e inexoravel pena de talião.

A gentil bambina Nair Guimarães, filha do Cap. Ten. Americo Guimarães

Oh! Para que maltratar ou martyrisar os pequenos entes incapazes de reagir? Para que, si elles são as poesia da vida? Basta por vezes o sorriso sereno de uma pequena bocca infantil para fazer o chefe da familia esquecer um negro montão de angustias; basta o brilho de dois grandes olhos negros para fazer a mãi olvidar todos os horrores da miseria, bastam duas palavrinhas pronunciadas como as sabem pronunciar as creanças, para pôr a alegria lá onde a dôr se quer aninhar.

Para que, pois, não empregar toda a nossa ternura nestas pequenas flôres, que tão bem sabem nos fazer alegre a existencia e que são o balsamo para tantas feridas da alma?

* * *

A's vezes, quando sobre o céo da minha aldeiasinha somnolenta, os roseos vapores se distendem annunciando a aurora, accordo e ouço o chilrear dos passarinhos, occultos entre os ramos das arvores do meu jardim. Gosto de demorar-me a escutar aquellas mil tonalidades do despertar entre a turba dos pequenos emplumados. Atravez dos vidros da janella vejo os brilhantes sorrisos das estrellas que, pouco a pouco, desapparecem e que são os ultimos soluços da noite, que cede ao triumpho luminosissimo do sol. Perfumes delicadissimos das flôres, que abrem ao beijo da luz a pequena corolla; murmurios indistinctos do mar visinho... toda esta harmonia das pequenas cousas põe-me no animo o amor á vida.

* * *

Eis que, aberta a janella, uma onda fresca de luz invade o meu quartinho. As flôres dos pequenos vasos levantam, pouco a pouco, a cabeça e parece que tambem ellas saúdam... e os passaros erguem vôos e do chilrear passam ao canto. Quem poderá traduzir os sentimentos multiplices que exprimem em seus gorgeios? Não creio exaggerar si affirmo que tenho surprehendido, muitas vezes, naquelles cantos, narrativas tristissimas de crueis padecimentos, que me deixam commovido.

* * *

Mas, pobres e caros passarinhos, tambem elles—como todos os seres que nesta vida, soffrem, amam e esperam—devem soffrer pequenas a venturas e ferozes tragedias.

Recordo-me que, na minha infancia, recebi de presente de um camponezinho um pequeno passaro ainda implume, que eu logo encerrei em uma gaiola, para que não escapasse. Mas o pobresinho, fóra de seu ninho, longe dos cuidados maternaes, após dois dias, não obstante eu cobril-o de attenções e de ternuras, morreu. Invadiu-me então uma tristeza infinita e chorando, sepultei-o em um canto do jardim. Mas ao entardecer um outro passarinho, que nos dias de prisão tinha sido assiduo companheiro do prisioneiro, esvoaçava, esvoaçava em torno da gaiola vasia, lançando agudos gritos de dor. Comprehendi então que era a mãe. Pobre mãesinha. Continuou o seu esvoaçar afflicto durante uns dois ou tres dias, sempre com lamentações dilacerantes até que a encontrei morta á beira de um canteir.o

E eu sepultei-a ao lado do filhinho... naquelle humilde mausoleu, com carinho infantil.

Mas hoje penso que nem todas as tumbas dos grandes valem aquella tumba minuscula!

V. A.

No jardim zoologico

Nênê ao papai.

— Porque o elephante tem o nariz tão grande assim?

— Porque quando era pequeno mettia os dedos nas narinas.

A ALMA

— Mamã, nem todas as creanças que morrem vão para o Paraiso. O outro dia vi levar para o cemiterio um menino que tinha morrido. O seu papá e as suas duas irmãsinhas acompanhavam o caixão e choravam tanto, que me fazia pena. Iam a chorar porque aquelle menino tinha sido máo, não é verdade?

— Não; naturalmente foi sempre bom e a sua alma, quando choravam sem paes e suas irmãs, já estava vivendo feliz no paraiso.

— A alma? mamã; não sei o que é; não comprehendo bem.

— Maria, acabas de me dizer que tiveste pena de ver chorar as duas pequerruchas.

— Tive sim, mamã, tive muita pena.

— Ora bem: o que é que no teu corpo estava desconsolado e triste? Eram os braços?

— Não, mamã.

— Eram as orelhas?

— Oh! não mamã, era *cá dentro*.

— Esse *lá dentro*, Maria, é a tua alma que se alegra ou se entristece, que te reprehende quando fazes o mal e que está satisfeita quando praticas o bem.

Guerra Junqueiro.

CONCURSO INFANTIL

O nosso primeiro concurso infantil correu bastante animado; recebemos grande numero de soluções, infelizmente nem todos acertaram. Damos em seguida as soluções certas, o resultado do sorteio e a relação dos nossos amiguinhos que acertaram. Animados por esse resultado apresentamos os problemas para o 2.º concurso infantil cujas soluções deverão ser enviadas até o dia 20 do corrente mez, com o respectivo coupon.

A figura do garotinho amigo do "Jornal das Moças".
Charada — **Canario.**
Palavra da moda — **Urucubaca.**
1.º Premio — Maria de Lourdes Lima, rua Gomes Serpa, 117.
2.º Premio — Marietta R. Neves, rua G. Andrade Neves, 63 moderno Nictheroy.
3.º Premio — Delorme, rua Nova, 32 Nictheroy.

Nomenclatura dos que acertaram :

Vera Passos, Arlindo Carneiro, Ilda Jales, Guilhermina Avellar, Maria Brandão, Lavinia Ramos, Izaura Corrêa, Emidio Ribeiro, Flavio Barbosa, Leticia Rocha, Gloria Pessoa, Arinda de Góes, Esther Rego Barros, Helena Moreira, Herminio Gutterres, Evaristo Pereira, Luiza Rizzo, Jayr Ruch, Affonso Esposito, João B. Pereira iFlho, Delorme, Vergilio Castilho, Sylvio Machado Cardoso, Olavo Pereira Santos, Annibal Carvalho, Courizana Pereira Bessa, Clarinha Mttos, Nené e Yolanda Paiva, Maria Haydéa de Mello, Marietta Rodrigues Neves, Carmelia P. Aguiar, Nair da Costa Mesquita, Paulo Barbosa, Noemia Silva, Joaquim Pereira Junior, Ernani V. da Costa, Francisco Oliveira Garcia, Conceição Vaz, Ernesto Ascoli, Aristoles Cordeiro, José V. da Cruz, Oswaldo Paes, Zilmar, Emilio Pinto, Dulcinéa Jardim, Oswaldo deS. Bezerra, Georgina Alves, Flora Silva, Diva Miranda, Alaide Osorio, Norberto Lima, Rademés Waldeck, Maria de Lourdes, Odette Santos, Helena Lopes, Nadir da Costa Mattos, Cecilia Moreira, Marcios Nunes, Affonso Gonsalez, Alcy Neiva Velasco, Manoel Cortines, Maria Lopes, Aida Hartley, Virginia Santos, Sebastio Lobão, Maria do Carmo, Nadir Meira, Adolpho Alegria, Edith Souza Lopes, Angelo Murgel, D'Avila Aguiar, Amancia Alves, Sylvio Oliveira, Maria da Cunha, Divaldo Ferreira, Samuel Pontes, Hilda Ferreira, Augusto Viegas, Celina Pinheiro, Maria Pereira, Rimidia Gayoso, Juracy Oliveira, Moacyr Ribeiro, Ondina Carvalho, Arthur Neves, Vera Macedo, Zizinha Souza, Helena Carvalho, Zoraida Amaral, S. Fedelis, M. Stella, A. Clement, P. Carlos e M. de Lourdes. Os amiguinhos cujos nomes não figuram nesta lista mandaram soluções erradas.

Problemas para o 2.º concurso

Os amaveis leitores desta secção terão de juntar os pedaços da gravura e formar a figura de uma graciosa amiguinha do "Jornal das Moças". Nada mais facil.

CHARADA

Respiramos o nome proprio onde guardamos os livros—1-2.

Com 2 **A.** — 2 **R.** formar uma palavra que tanto se lê do principio como do fim.

Si o leitor não acertar é porque é ...

Premios por sorteio entre os solucionistas que acertarem: 1.º, 10$000; 2.º e 3.º a cada, um livro de interessante leitura.

2.º CONCURSO INFANTIL

Nome-----------------------------------

Idade-----------------------------------

Residencia

DE TUDO UM POUCO

Para prender as folhas dos livros

Muitos dos nossos leitores, que costumam ler na cama, terão sem duvida notado muitas vezes e com aborrecimento, que lendo um volume qualquer interessante e bem encadernado, algumas folhas teimam em não occupar a posição desejada e levantando-se adiantam ou retrocedem algumas paginas, causando isto o desespero do leitor.

Para evitar este inconveniente, pode empregar-se um apparelho muito simples, como se vê, na gravura e que consiste em duas bolsinhas de qualquer tecido, excepto sêda, porque esta resvala facilmente sobre o papel, contendo cada uma dellas dois ou tres rodelas de chumbo. Unidas as duas bolsinhas por uma cinta, collocam-se na posição que indica a gravura e assim impedem que as folhas mudem de posição e os leitores, então, com este processo tão simples, poderão ler á vontade, commodamente reclinados nas almofadas macias.

◆◆◆

Uranologia

A luz do sol vem á terra em 8 minutos e 13 segundos. A luz electrica percorre 46.300 myriametros por segundo.

A lua cheia é mais brilhante 27.408 vezes do que a estrella do Centauro, uma das mais brilhantes.

Sirius é 20.000 milhões de vezes menos brilhante do que o sol.

O diametro do sol é de 146.600 myriametros e 112 vezes maior que o da terra. A massa do astro-rei é igual a 359.551 vezes a da terra ou 355.499 vezes as da terra e da lua reunidas. O sol é 300.000 vezes mais brilhante que a lua cheia.

◆◆◆

Povos antigos

Os arcadios (Arcadia habitada pelos pelasgios) diziam-se anteriores á lua; os athenienses, anteriores ao sol e os habitantes de Delphos, apparecidos logo depois do diluvio biblico.

Apollonios de Rhoder diz que o Egypto foi a primeira região do mundo povoada.

Em Bogotá, a tribu dos Muyscas em Mozcas, dizia-se existir tambem antes da lua.

◆◆◆

A mulher na antiguidade

Segundo Plutarcho, as mulheres não podiam ser condemnadas por homicidio, porque as leis não admittiam que ellas fossem capazes de praticar semelhante crime.

Antes do imperador Constantino, a mulher não podia comparecer a juizo para celebrar contratos, sem ser acompanhada de tutor.

As operarias japonezas

Um membro da Alta Camara japoneza, o doutor Kuwada, apresentou um relatorio, segundo o qual existem mais de milhão de operarias nas diversas fabricas do imperio do Sol nascente, sendo 700.000 do sexo feminino, entre as quaes se encontram mais de 70 menores de quatorze annos.

Mais de 20 por cento são menores de dez annos e trabalham nas fabricas de phosphoros e 10 por cento nas fabricas de cigarros e fumos.

Em geral, ellas são exploradas de tal modo, que muitas vezes trabalham até meia noite sem perceber um augmento de salario.

Na industria de lã vegetal o trabalho noturno está estabelecido com caracter permanente.

Os castigos corporaes e as multas se applicam frequentemente.

O salario medio semanal destas infelizes operarias varia entre dois e sete mil reis.

◆◆◆

Ultimas palavras de Chosrões

Chosrões, rei dos persas, ao sentir-se morrer, mandou chamar o filho que o teria de substituir no throno e deu-lhe o seguinte conselho, sendo estas as suas ultimas palavras:

«Dá attenção aos velhos e não consintas que os mancebos se intromettam nos negocios publicos.

◆◆◆

Leis antigas

Entre os Francos, as penas não cogitavam de morte nem de prisões, nem de castigos afflictivos. Eram todos iguaes, não queriam penas que os rebaixassem.

Quem matava um homem, corpo a corpo, era multado em duzentos soldos; si tivesse cumplices ou auxiliar, em seis centos.

O homicidio de uma creança era avaliado no triplo do de um homem.

Quem batia num homem em praça publica pagava quinze soldos; numa mulher, quarenta e cinco.

Si a mulher era ultrajada, cada pessoa que estivesse presente tinha de pagar da composição devida pelo assassinato de um homem.

◆◆◆

A torre de Pisa

Uma grande obra architectonica italiana está em perigo.

A celebre torre inclinada de Pisa devido a infiltrações de aguas do rio Arno, tem augmentado sua inclinação ameaçando desmoronar-se. Foi nomeada uma commissão para estudar os meios de evitar o desapparecimento daquelle monumento de architectura.

Mas agora, com a entrada da Italia na guerra com a Austria, talvez o famoso monumento seja attingido por alguma bomba lançada dos aeronaves e nessa espectativa provavelmente a tal commissão não ultimou os seus trabalhos.

Fará mal lavar o rosto com sabonete?

Em geral faz. Excepto aos mal aceiados, nimguem precisa lavar o rosto sinão com agua fresca, ou depois de uma longa viagem poeirenta em que o véo não tenha defendido o rosto sufficientemente.

RECEITAS

Bolo de Arroz

Duzentas grammas de fermento, 1 kilo de assucar, 1 pires de cará, ou aipim, ralado, batatas doces ou inglezas, 4 colheres de manteiga. Bate-se bem o fermento, o cará e a manteiga, desmancha-se a farinha de arroz em um litro d'agua com o assucar; vai ao forno em fôrmas untadas de manteiga. Prepara-se o fermento de vespera; si se quizer o bolo com côr pode-se botar 4 ovos.

◆◆◆

Bolo fim de seculo

Quatro claras, 4 colheres de assucar, atem-se bem como para suspiros, junta-se uma colher de manteiga, 4 colheres de farinha de trigo, 1 colherinha de bicarbonato de sodio e bota-se em fôrma. Forno brando.

◆◆◆

Beijinho de Nênê

Tres ovos, 2 chicaras de assucar, 1 de leite, 1 de maisena, 2 de farinha de trigo, 1 de manteiga derretida, meia colherinha de bicarbonato de sodio. Misture-se tudo muito bem, bota-se em fôrmas pequenas e vae ao forno brando.

◆◆◆

Bolo de S. João

Meio kilo de assucar, meio kilo de manteiga, meio kilo de mandioca puba, 12 ovos, 1 nósmoscada ralada, cravo em pó uma pitada e meio côco ralado.

◆◆◆

Bolinhos a Zizi

500 grammas de assucar, façam a calda em ponto de bala, depois junta-se 8 gemas de ovos, 3 colheres de farinha de trigo, cravo e canella, despeje-se o côco que deve ter 400 grammas. Mistura-se nessa massa, levem ao fogo para cosinhar até seccar um pouco. Façam então os bolinhos pondo farinha de trigo para não pegar nas mãos e vão ao forno até corar.

NÃO FORAM PUBLICADOS
OS DIAS: 2 A 14